



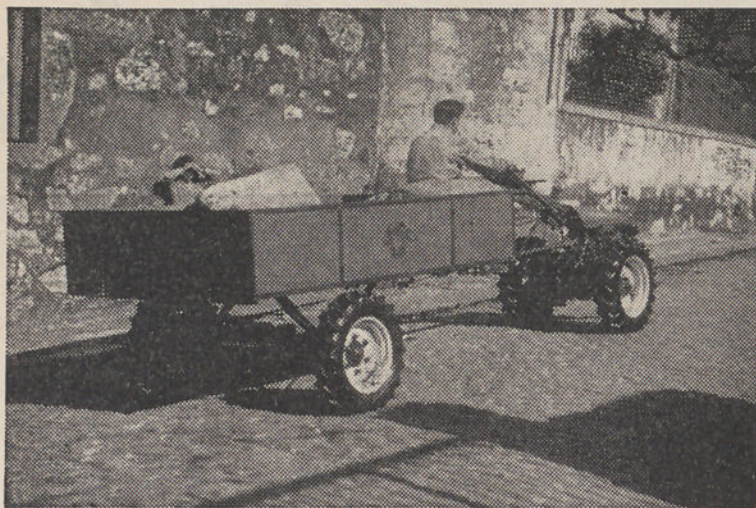
Gazeta das Aldeias

N.º 2486 * 1 DE JANEIRO DE 1963



Sala
Est.
Tab.
N.º

Liga-me... Acompanha-nos a melhor Técnica!



Motocultor L5-H 13 HP, O MAIS MODERNO E POTENTE DO MERCADO
(Via regulável entre 70 e 108 cms.)

Faz todos os trabalhos agrícolas e... REBOCA 1.800 Kgs.

ISENTO DE CARTA DE CONDUÇÃO

BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ BUNGARTZ

FK - 7 HP - DIESEL
(uma maravilha de técnica)

- Motor Hatz E 75
- Caixa de 7 velocidades
- 4 velocidades à polia

.....

Lavra — cava

sacha — gadanha

ceifa — reboca

etc. — etc.

.....

Protegido pela impecável
assistência

B U N G A R T Z



RAMO AGRÍCOLA DA

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

75 — Galeria de Paris — 77

PORTO

Telef. 25397

Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA

Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.^a do Infante Santo
(Gaveto da Av.^a 24 da Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}

P. do Município, 13-1.^o
L I S B O A

Distribuidores dos produtos



e seus DEPOSITÁRIOS NO PAÍS

desejam um

FELIZ ANO-NOVO

À

LAVOURA PORTUGUESA

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
parece como por encanto.
A irritação é
dominada, e
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alívios come-
çaram. Medi-
camento por
excelência
para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

À venda em todas as farmácias e drogas

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA

RUA DA PRATA 237 - LISBOA



No início da época das ervas...

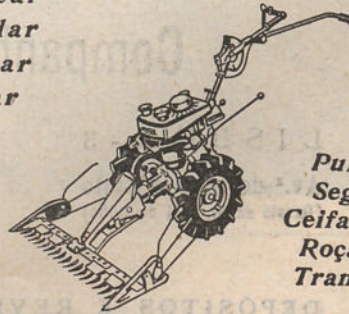
Faça uma experiência com um motocultivador

Gutbrod

e ficará admirado do seu rendimento como segadeira.

Economize fazendo com um motoculti-
vador todos os trabalhos agrícolas, como:

Cavar vinhas e pomares
Semear
Gradar
Sachar
Regar



Pulverizar
Segar erva
Ceifar cereal
Roçar mato
Transportar
e até
Mungir as suas vacas

Agência Geral Gutbrod

R. de José Falcão, 152-156—Tel. 20947—PORTO

3781

CONCENTRADOS

**E
RAÇÕES**

PROVIMI



NA VANGUARDA DA QUALIDADE

Melhores resultados com os alimentos

PROVIMI

3501

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
Freitas & Gouveia, Lda. — Funchal
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA, L.DA

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 780391 — 782132 — 782131



À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível Todos os Grémios da Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos: .

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — porcos em crescimento (dos 25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3554

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação



MODELO M4CH

**Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo**

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE

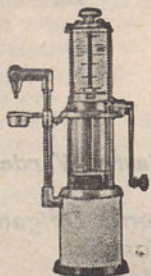
AVERY PORTUGUESA, L. DA

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001

FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 28 — Telef. 22144

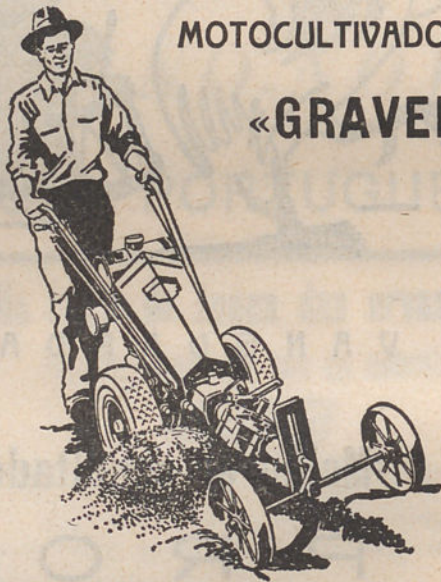
COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512

AGÊNCIAS / FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 818.2286



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»



Um só motocultivador * 30 alfaías agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador

ESCOLHA as alfaías que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —

Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

8886

Fosfato Thomas

O ADUBO ideal

para os SOLOS de Portugal

Nas terras pobres em cal empregue sempre

Fosfato Thomas,

o único adubo fosfatado com cal activa e neutralizante existente no mercado.

2890

Envie-nos hoje mesmo este cupom, em carta ou colado num postal, marcando com uma cruz o que lhe interessar.

A OS

A

Serviços Agronómicos do Fosfato Thomas

Rua D. João V, n.º 29-3.º D

LISBOA-2

Queiram gratuitamente:

- Enviar-me literatura.
- Fornecer-me instruções para a colheita de amostras de terra para análise (as despesas da análise ficam a cargo do agricultor).
- Visita do vosso Engenheiro.

Nome

Morada

Motores e Grupos Moto-Bombas "Bernard"
a gasolina e a petróleo

Tractores "McCormik-International"

Motocultivadores "Howard-Rotovator"

Tararas, Descaroladores, Sachadores, Charruas
e todo o material agrícola em geral

Adubos simples e compostos

Sementes para Horta, Prado e Jardim

Insecticidas e Fungicidas

No interesse de V. Ex.ª, consulte e faça os seus pedidos ao:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

Telef. 25865/6

307, Rua de Santa Catarina, 309 — PORTO

Teleg. «Agros»

27/47

os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1.º Dissolve e elimina o ácido urico
- 2.º Activa a diurese
- 3.º Regularisa a tensão arterial
- 4.º Facilita a circulação do sangue
- 5.º Combate a obesidade
- 6.º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA
o específico Anti-urico por excelência

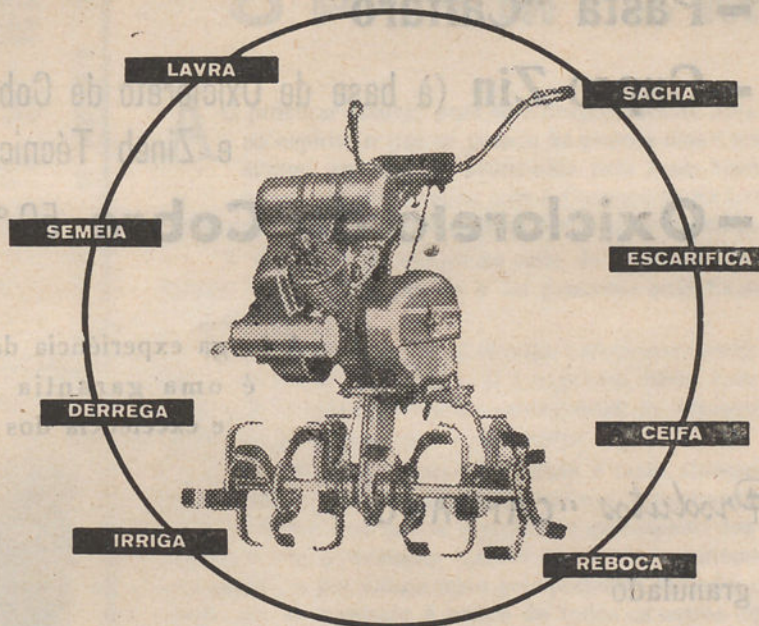
2816

MOTO- CULTIVADOR

Landmaster

150

COM MOTOR
PARA "TRACTOR"



VERSÁTIL E ECONÓMICO

A máquina que revolucionou os trabalhos nas vinhas, pomares e hortas.

Equipado com motor a 2 tempos de 160 c.c. e 4,5 h. p.

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 35-4.º • AGENTES EM TODO O PAÍS

8687

Societa Elettrica e Elettrochimica del Caffaro

MILANO

- **Pó "Caffaro"** superconcentrado,
48-50 % Cobre
- **Pó "Caffaro"** concentrado, 40 % Cobre
- **Pó "Caffaro"**, 16 % Cobre
- **Pasta "Caffaro"**
- **Cupro-Zin** (à base de Oxidoreto de Cobre
e Zineb Técnico)
- **Oxidoreto de Cobre** 50 %

A longa experiência da «CAFFARO»
é uma garantia da qualidade
e excelência dos seus produtos.

Outros Produtos "CAFFARO"

- Aldrene granulado
- Ziramit
- Ultrazolfo (enxofre micronizado)
- Adubos compostos
- Terras descorantes para azeites e óleos:
Prolit "Pn" e Prolit "Rapid"

2925

Agente:

Emanuele Barabino

Rua da Prata, 93-2.º—Esq.
LISBOA - 2—Telef. 369965

SUMÁRIO

Optimismo	1
Sobre o Cedro, ou Cipreste, do Bussaco — Prof. C. M. Baeta Neves	2
Tratamentos fitossanitários do pomar — Eng. Silvicultor Joaquim Abrantes Zenhas	5
Cruzamentos em Avicultura — Médico Veterinário Luis F. R. Pereira de Castro	7
Pastagens da serra — Eng. Agrónomo Luis Bivar	11
A Adega Cooperativa de Pontével — Eng. Agrónomo António Rosa Júnior	15
Videiras porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista	15
Análise sumária da recente legislação portuguesa sobre o emparcelamento da propriedade rústica — Eng. Agrónomo — Alberto José Lago de Freitas	18
Vinhos novos — Eng. Agrónomo Pedro Nuncio Bravo	24
Intermediário dos Lavradores	25
A técnica ao Serviço da Lavoura — Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes	26
Trabalhos em Janeiro	28
Caça e Pesca — Para quando o Rio Minho? — Almeida Coquet	32
Mirante — Conde d'Aurora	34
Os vinhos turvos — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	35
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Fruticultura	37
— Tecnologia	38
— Medicina Veterinária	38
— Direito Rural	38
Informações	40

A NOSSA CAPA



Medronheiros sob coberto de Pinhal
«Serra do Gerez»

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652

Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

OPTIMISMO

AO procurar assunto para esta despretençiosa *nota* logo nos vem ao espírito o que se passou há poucos dias e tanto nos impressionou, em reunião promovida pela Junta Nacional dos Resinosos em colaboração com a Corporação da Lavoura e a Federação dos Grémios da Lavoura do Entre-Douro-e-Minho.

A reunião efectuou-se na sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes e foi presidida pelo Ex.mo Governador Civil do Porto.

A razão próxima dessa reunião parece-nos residir no movimento em curso e cujo eco chegou já à Imprensa diária, com o qual organizações da lavoura pretendem salvaguardar os interesses dos proprietários dos pinhais sujeitos à resinagem.

O movimento é coerente, lúcido e justo. Coerente porque está dentro das atribuições quer corporativas, quer cooperativas. Lúcido na medida em que estuda o problema no respeito dos interesses *respeitáveis* das actividades ligadas ao circuito económico do produto — a gema — e por último justo pois pretende defender o sector da produção até ao presente à mercê de todos os outros interesses, reservando-lhe tão somente aquilo a que tem indiscutível direito.

Mas a nota de optimismo não a tiramos da clareza da exposição feita pelo ilustre presidente da Junta Nacional dos Resinosos, nem da vivacidade da discussão ou das ilações extraídas pelo presidente da Corporação da Lavoura, nem mesmo — e desculpe-nos S. Ex.a — das palavras de confiança do Sr. Governador Civil.

Para nós a nota de optimismo reside em tudo quanto está implícito na afirmação de capacidade de estudo e realização, de consciência e confiança própria, que a Lavoura, pelas suas organizações, dá ao tratar um assunto da mais alta importância, com objectividade e firmeza nos seus propósitos, segura da sua razão, consciente dos seus direitos.

Perante essa objectividade e capacidade de estudo, sentindo a vontade realizadora, há todo o direito de se ser optimista.





Aspecto da Mata do Bussaco, solar do *Cupressus lusitanica* Mill em Portugal, vendo-se em primeiro plano algumas copas rasas, muito características dos exemplares velhos

Sobre o Cedro, ou Cipreste, do Bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.)

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

AINDA que possa constituir surpresa para muitos, a verdade é que na grande maioria dos casos ainda não foi feita uma apreciação, suficientemente ampla e profunda, sobre o interesse das *exóticas* cultivadas há mais tempo em Portugal e cujo comportamento justifica algum interesse pela sua generalização.

Com excepção dos Eucaliptos, nomeadamente do *Eucalyptus globulus*, raros são os exemplos em que as informações técnicas a seu propósito vão além de uma referência, mais ou menos superficial, das condições em que vegetam nalguns pontos onde foram introduzidas. Em relação a muitas dessas espécies de árvores não se passou ainda da sua identificação botânica e da indicação do diâmetro e altura atingida pela média dos exemplares que a representam em determinado local, ou por algum exemplar de maior porte.

Trabalhos como os que foram realizados por Manique de Albuquerque em relação ao Bussaco (Relatório final do

curso de Engenheiro Silvicultor) e pelo Prof. Azevedo Gomes no caso do Parque da Pena, tratando de Arboretos de tão grande riqueza dendrológica, são necessariamente do maior interesse sob o ponto de vista técnico, mas mesmo assim ficam ainda muito à quem do que seria necessário para poderem servir de base à Silvicultura.

As numerosas contribuições de Amal Franco sobre a flora lenhosa *exótica*, também possuem apreciável mérito, tal como as notas de muitos outros autores dispersas pela bibliografia florestal portuguesa.

Por minha parte, pelo menos nos casos do Montado do Barreiro, na Madeira, e do Arboreto do Casal dos Choupas (Mem-Martins), não deixei de divulgar as observações que realizei nos dois locais sobre o comportamento dos representantes dessa flora ali cultivados.

Mas faltam-nos trabalhos de apreciação como o de Pavari sobre vinte anos de cultura de *exóticas* em Itália, onde, a

propósito de cada espécie de maior interesse económico, foram reunidos todos os elementos de informação colhidos durante esse espaço de tempo, a partir, na maior parte das vezes, de ensaios experimentais previamente delineados.

Como exemplo de deficiência do conhecimento sobre uma exótica e das suas consequências de ordem técnica, tomei o Cedro ou Cipreste do Bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.), por se tratar de uma das espécies de mais antiga importação, das que revela melhor adaptação ao nosso clima, e em relação à qual, portanto, seria natural e conveniente que já existissem conclusões definitivas quanto à vantagem da generalização da sua cultura em Portugal.

* * *

O primeiro problema que se põe em relação ao Cedro ou Cipreste do Bussaco é o da sua origem.

Depois de lhe ter sido atribuída, durante muito tempo, uma pátria oriental, a Índia, e ter sido designado por Cedro de Goa, Amaral Franco, no seu trabalho sobre esta exótica ("A *Cupressus lusitanica* Miller, Notas acerca da sua história e sistemática", Agros, Ano XXVIII, N.os 1 e 2, Janeiro-Abril, 1945) divulga e defende a opinião de que, ao contrário, é originário do Ocidente, do México.

Mas a dúvida persiste como se pode concluir da transcrição seguinte feita do

livro "Las Pinaceas Mexicanas" (1953), da autoria de Maximino Martinez, o qual na página 212 afirma:

"En mi opinión, no esta plenamente demostrado que el *C. lusitanica* sea originario de México, pues no se ha encontrado en este país ningún *Cupressus* que coincida con él".

E mais adiante, na página seguinte diz:

"No se ha encontrado en Asia, según se dice, ningún *Cupressus* que coincida con el *C. lusitanica* Mill. y de ahí se concluye que éste no es originario de Asia. Tampoco en México se ha encontrado ningún que coincida y, por lo tanto, podría igualmente decirse que no proviene de México".

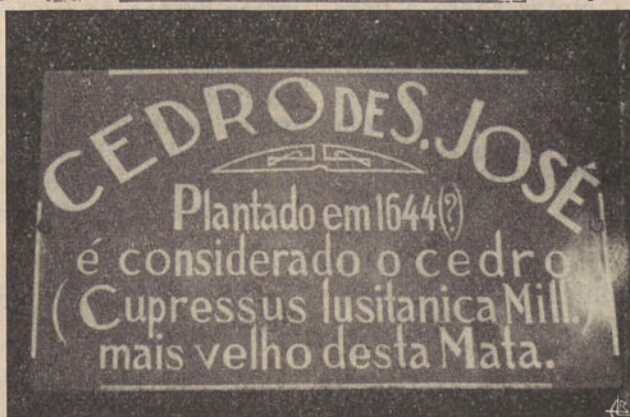
Quanto à hipótese das sementes terem sido im-

portadas deste último país e as actuais diferenças entre os exemplares criados em Portugal, em especial os do Bussaco, que se julgam terem nascido dessas sementes, e as outras espécies de *Cupressus* da flora mexicana, serem devidas à influência do meio, Martinez, embora não conteste a possibili-

dade de uma tal variação, não a aceita como um argumento válido, especialmente quando se considera o *C. Benthami* Endl. como a espécie original.

A este propósito afirma:

"En conclusion, considero el *C. lusi-*



O mais antigo Cedro do Bussaco, junto à Capela de S. José

tanica Mill. y el *C. Benthami* Endl. como dos entidades específicas distintas, ésta nativa do México y aquélla de origen desconocida".

Perante tão bem fundamentado testemunho e a autoridade do Autor, por minha parte, não me atrevo a defender outra opinião que não seja a da origem desconhecida.

Mas embora tal problema tenha grande interesse a verdade é que, sob o ponto de vista da Silvicultura, há muitos outros elementos de informação sobre esta exótica que são muito mais importantes para os técnicos e que contudo, nos faltam.

Quanto à sua adaptação local, em relação aos diferentes solos e climas do Continente, os elementos que existem são muito modestos.

Em relação ao Bussaco, sua pátria adoptiva, à parte as numerosas referências de Manique de Albuquerque ("Buçaco", 1935) e de alguns autores estrangeiros mais notáveis, pouco mais haverá escrito; mas apesar da modéstia da bibliografia a propósito não existe qualquer dúvida na legitimidade da afirmação de que o *C. lusitanica* se desenvolve ali em condições excepcionalmente favoráveis.

Amaral Franco ("Notas sobre a flora lenhosa do Bussaco", Boletim da Sociedade Broteriana, Vol. XXV (2.ª Série) 1951) referindo-se ao exemplar considerado mais velho da Mata, localizado junto da Capela de S. José, atribui-lhe a altura de 23m e o D.A.P. de 163 cm, o que pode dar uma ideia do porte excepcional que esta árvore pode atingir naquele local.

A altura de cerca de 30m e o D.A.P. à volta de 150 cm encontra-se com relativa facilidade em alguns outros exemplares, e não mais porque o ciclone de 15 de Fevereiro de 1941, e outros temporais anteriores, causaram grandes estragos, derrubando muitos dos seus exemplares mais notáveis.

Fora da Mata, na área do perímetro florestal da Serra, nomeadamente na encosta virada a NE, existem povoamentos puros e equianos de *C. lusitanica*, de origem relativamente recente (20 a 30 anos) com bom desenvolvimento, sem que, contudo, sobre estes exista qualquer informação técnica com pormenor suficiente

para se poder avaliar do interesse do seu emprego mais generalizado naquele perímetro, aliás, já totalmente ocupado pelo Pinheiro bravo.

Em relação à Serra de Sintra, o Prof. Azevedo Gomes, na sua notável obra "Monografia do Parque da Pena" (1960), faz-lhe numerosas referências, uma vez que o Cedro do Bussaco foi ali empregado em grande escala logo no início da criação daquele Parque.

São muitas as citações de exemplares assinalados pelo seu porte excepcional (acima de 20m de altura, com um máximo de 30, e D.A.P. entre 60 a 80cm), bem como de alguns povoamentos, por exemplo o "Cedral da Rainha" (parcela e do talhão XIV) e o da parcela b do talhão XLV.

Em relação a esta última diz:

"Eis-no no pequeno solar do "Cedro do Bussaco"; aqui deu e continua dando o *C. lusitanica* as suas melhores provas, não como resistência ao meio adverso (para isso certa parte da encosta da Cruz Alta), mas como capacidade de formação de bons fustes e constituição de povoamentos exploráveis em condições económicas dignas de muito apreço".

Aponta também muitas vezes o Prof. Azevedo Gomes a existência de numerosos representantes de *C. Benthami*, a que vale a pena fazer agora aqui referência dada a aproximação, e até a confusão, que tem havido entre as duas espécies afins.

Assim, a propósito da parcela a do talhão XLI, diz:

"Se há árvores aqui dominantes no meio de uma mescla bastante complicada, essas são os ciprestes, mórmente da espécie *C. lusitanica*. Não deixa de aparecer, também, e com o cunho antigo, a representação da espécie afim *C. Benthami*, como sempre tenho verificado, em igualdade de tempo as árvores desta última espécie adquirem maior porte, tendem a formar melhor fuste e merecem muitas vezes reparo especial".

(Continua na pág. 6)

Tratamentos fitossanitários do pomar

Por JOAQUIM ABRANTES ZENHAS

Eng. Silvicultor

O combate às doenças das fruteiras e a luta contra as pragas de insectos que as parasitam, são em fruticultura uma condição a satisfazer, para produzir fruta em quantidade e com qualidade, aceitáveis, e um meio de garantia de sobrevivência do pomar, a níveis vegetativo e económico, viáveis e recomendados.

Para dar cabimento a esta tarefa, uma das mais importantes do granjeio do pomar, tem que se fazer durante o ano vários tratamentos, tanto insecticidas, como fungicidas.

Enquanto as fruteiras estão em repouso vegetativo, há tratamentos de Inverno a efectuar, que nem sempre são obrigatórios, e que visam além da morte de vários microorganismos e insectos, a higiene do pomar, por destruição de musgos e líquenes e destacamento de porções velhas de casca, esta e aqueles aderentes aos troncos e aos ramos.

Depois, com o início da actividade vegetativa das fruteiras, logo que os gomos começam a inchar, tem que começar-se também os tratamentos de Primavera e Verão, e estes são obrigatórios em todos os casos, para prevenir e combater diversas doenças e pragas de insectos, que são próprios do pomar.

Finalmente, no Outono, quando as folhas começam a cair, fazem-se ainda, para certas espécies, tratamentos cúpricos, também preventivos, como a maioria dos restantes, de certas doenças criptogâmicas.

Muitos destes tratamentos são específicos de determinadas doenças ou pra-

gas, por sua vez próprias só de determinadas espécies frutícolas.

Daqui, o poder concluir-se que nem todos os tratamentos, anticriptogâmicos e insecticidas, a realizar no pomar, são de aplicação geral para as fruteiras de várias espécies, havendo tratamentos que interessam a umas, mas que são em absoluto inúteis, podendo até ser prejudiciais, no caso de outras.

Cada espécie frutícola deve, portanto, ser objecto, única e exclusivamente, dos seus tratamentos específicos. Frisa-se, porém, que todos estes tratamentos devem ser cuidadosamente efectuados, nas condições requeridas por cada uma delas, e nas alturas mais oportunas.

São vários estes tratamentos, e porque é estreita a interdependência existente entre eles, pois a falta de algum ou qualquer descuido na sua aplicação, pode invalidar todo o trabalho de protecção sanitária do pomar, tem que ser todos rigorosamente feitos, executando-os na dev da oportunidade.

Torna-se, por conseguinte, necessária, para boa regularidade dos trabalhos e garantia de eficácia dos tratamentos fitossanitários, a elaboração de planos destinados ao tratamento de cada espécie frutícola, nos quais se estabeleçam todos os tratamentos a realizar, se indiquem as fórmulas das caldas respectivas e se marquem as alturas mais oportunas da aplicação de cada um deles.

A estes planos, dá-se o nome de *esquemas gerais de tratamentos do pomar*.

Normalmente não são indicadas datas fixas para aplicação dos diversos trata-

mentos, dada a impossibilidade prática de o fazer, porque todos os tratamentos do pomar, além de dependerem das estações do ano e respectivos meses, dependem também obrigatoriamente das diferentes fases do estado de vegetação das fruteiras. Como estas fases não se verificam com a mesma regularidade, de uns para outros anos, muito embora sejam próximas as datas em que se manifestam anualmente, os tratamentos de Primavera e Verão são sempre subordinados a elas.

Este facto arrasta consigo a obrigatoriedade de se ter que considerar no plano de tratamentos do pomar, além da espécie, ou espécies, as variedades respectivas existentes em cultura.

Por estes motivos, a existência de várias espécies, ou muitas variedades de uma mesma espécie, no pomar, dificulta grandemente o seu tratamento fitossanitário, com todos os inconvenientes e prejuízos daí resultantes.

Não houvesse outros motivos, que longe de toda a discussão, contrariam em absoluto a exploração de pomares em promiscuidade de espécies e variedades, este só bastava para apoiar e demonstrar a tese, que recomenda *não plantar pomares com mais de uma espécie, e não explorar em conjunto para cada uma delas mais de duas variedades.*

Os esquemas gerais de tratamentos do pomar, referem-se, pois, a cada espécie frutícola, devendo ter-se em consideração, para aplicação dos tratamentos neles indicados, as diferentes fases evolutivas da actividade vegetativa das diversas variedades.

Nos casos de pomares com mais de uma espécie, ou então com muitas variedades da mesma espécie, não há outra solução que seguir um esquema para cada espécie, e considerar, para efeitos de tratamento, cada grupo de variedades com características alins.

A generalização de um mesmo esquema geral de tratamentos a várias espécies, cu o tratamento simultâneo de diferentes variedades da mesma espécie é, em geral, contra-indicada, podendo não conduzir a resultados favoráveis e desejados.

Chama-se, portanto, para este facto a atenção do fruticultor.

Tendo como norma de trabalho, o res-

pectivo esquema geral de tratamentos fitossanitários do pomar, que não admite alterações ao gosto e critério de qualquer um, pois só os técnicos agrícolas especializados estão à altura de as introduzir, o fruticultor precisa ainda de conhecer os produtos fitofarmacêuticos a usar, e saber das precauções a tomar, para ficar a salvo de riscos e trabalhar com eficácia.

Por outro lado, para garantia de boas condições de vegetação e produção das fruteiras, não se pode, nem se deve, contar só com a aplicação de meios terapêuticos. Não considerando, por agora, todos os outros trabalhos de granjeio do pomar, que devem ser tidos em boa conta e executados nas condições requeridas por cada um, o fruticultor deve também evitar, a todo o transe, as possíveis fontes de infecção das fruteiras.

Antes da apresentação dos esquemas gerais de tratamentos do pomar, respeitantes a cada espécie frutícola, dar-se-ão numa série de artigos a publicar em números sucessivos da *Gazeta das Aldeias*, algumas noções sumárias sobre sanidade e produtos fitofarmacêuticos, que reputamos necessárias à sua conveniente interpretação.

O presente escrito é, portanto, de introdução a outros que se lhes devem seguir, todos subordinados ao tema sanidade do pomar.

Sobre o Cedro, ou Cipreste, do Bussaco

(Continuação da pág. 4)

Fora do Parque da Pena, no perímetro florestal da Serra, nomeadamente nas encostas sobre a Malveira e sobre a Azóia, existem extensos povoamentos de Cedro do Bussaco, alguns, como o da Giesteira, junto à estrada da Peninha para a Azóia, com uma beleza invulgar, muito procurado no Verão pela frescura do ambiente formado pela sua excessiva densidade.

Mas quanto às conclusões que se possam tirar do seu interesse económico, nada existe escrito que eu saiba.

Fotos do Autor.

(Continua)

Cruzamentos

em

Avicultura

POR

LUÍS F. R. PEREIRA DE CASTRO
Médico Veterinário

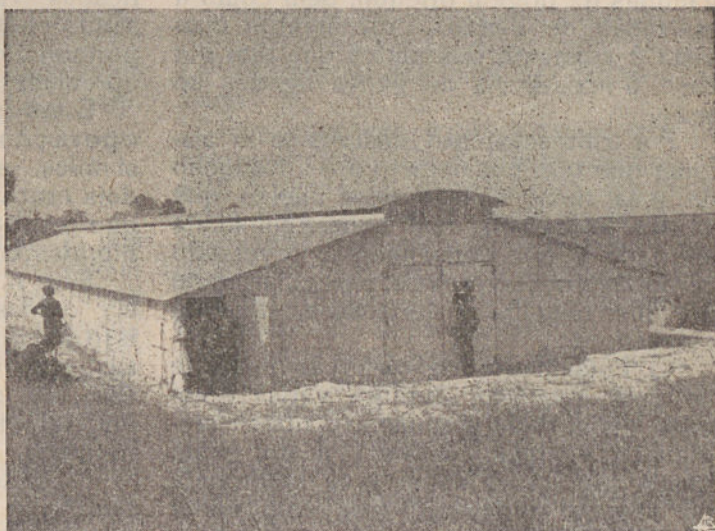
O crescente desenvolvimento das exigências impostas às produções animais vem merecendo a maior atenção dos sectores dedicados ao seu melhoramento.

Assim são já notáveis os progressos alcançados no domínio da nutrição com vista ao melhor rendimento alimentar, através da redução dos índices de consumo e em que vêm desempenhando papel fundamental os estudos tendentes a um melhor equilíbrio entre os vários alimentos e a suplementação dos elementos essenciais ao seu melhor rendimento.

Paralelamente é bem justificada a importância que deve atribuir-se à acção do meio ambiente e ela será tanto mais considerável quanto mais afastados do meio natural se encontrem os indivíduos.

Cabe também referir, e este é o principal objectivo deste assunto, o papel relevante que os modernos métodos de reprodução, particularmente no que se refere aos diferentes tipos de cruzamento, representam no melhoramento das produções animais.

Com efeito, em matéria de avicultura, a multiplicidade de raças e tipos de galináceos, a sua fácil e rápida multiplicação, a facilidade de alojar electivos numerosos



em áreas limitadas, proporcionam a este método de reprodução um meio extraordinariamente favorável.

Por outro lado a variedade de caracteres a considerar nas produções avícolas e o efeito da heterose manifestado na grande maioria deles, contribuíram decididamente para que a utilização de alguns tipos de cruzamentos sofresse nos últimos anos uma generalização considerável.

Não é fácil estabelecer com exactidão o limite entre cruzamento e consanguinidade.

Efectivamente no conceito genético actual designa-se por cruzamento a operação que consiste no acasalamento entre animais cujo grau de parentesco é inferior ao da média do existente entre os indivíduos que constituem um determinado núcleo.

Consanguinidade se o grau de parentesco dos indivíduos acasalados é superior ao da média do grupo em causa.

Diferentes tipos de cruzamento

Vem de longa data a prática do cruzamento de primeira geração ou industrial o qual consiste no acasalamento de ani-

mais provenientes de raças diferentes da mesma espécie.

Foi aliás com base neste método de reprodução que se formaram muitas das raças actualmente existentes a partir de galinhas de origem oriental, bem como a utilização de certos cruzamentos com vista à sexagem dos pintos que têm por base a existência de genes ligados ao sexo.

Por refrescamento designa-se o sistema que tem por objectivo a introdução de uma nova estirpe num núcleo que vinha sofrendo uma consanguinidade apertada e por consequência revelando caracteres desfavoráveis, particularmente no que respeita a fertilidade, taxa de eclosão, etc..

O cruzamento de obsorção consiste no melhoramento, durante várias gerações, de uma dada população de fraca produtividade, mas adaptada a um meio hostil, por galos duma raça melhorada no aspecto funcional, mas com maior sensibilidade a um meio desfavorável.

Todavia, com o progresso das técnicas de melhoramento animal os métodos atrás referidos apresentam-se já de certo modo ultrapassados e são hoje substituídos por sistemas mais eficientes, e que por isso passamos a referir.

É o caso por exemplo, do cruzamento duplo que presentemente se reveste de uma importância económica considerável nas produções avícolas, dada a enorme expansão que os seus produtos atingem.

Este tipo de cruzamento destina-se à produção de híbridos comerciais também designados por «Hy-Line» e a sua técnica baseia-se nos princípios utilizados pelos americanos na produção de milhos híbridos. Enquanto que no cruzamento de primeira geração os progenitores pertencem a raças diferentes, neste sistema o acasalamento é feito entre famílias que podem ser da mesma raça mas que tenham sido submetidas a uma prévia consanguinidade entre irmãos durante pelos menos, 3 ou 4 gerações.

Com efeito a técnica da produção do híbrido comercial, consiste na preparação de várias linhas consanguíneas, em geral provenientes de duas raças diferentes, e das quais algumas vão sendo eliminadas à medida que se vão revelando os

caracteres indesejáveis, como por exemplo, no que respeita à fertilidade, eclosibilidade, mortalidade, dedos tortos, etc..

Feita esta selecção as linhas sobreviventes são acasaladas entre si e praticadas várias combinações entre elas sendo eleitas as quatro famílias cujo comportamento funcional se revelou mais apreciável.

Estas são acasaladas duas a duas, operação designada por cruzamentos, simples, e os produtos obtidos destes dois cruzamentos, acasalados entre si do que resultam os produtos designados por híbridos comerciais ou «Hy-Line».

Este método tem o inconveniente de ser demasiadamente dispendioso e por isso só comportável pelas grandes empresas, pois exige efectivos muito numerosos, alojamentos correspondentes e os encargos inerentes às organizações desta natureza.

O êxito deste sistema é tanto mais favorável quanto mais homogêneas se manifestarem sob o ponto de vista genético as famílias eleitas.

O cruzamento triplo tanto pode ser aplicado com vista à produção de carne como de ovos e exige apenas três linhas Leghorn \times (Rhode - Sussex).

Este tipo de cruzamento embora de certo modo dispendioso é no entanto bastante apreciado.

Nas suas linhas gerais consiste no cruzamento de galos provenientes de linhas consanguíneas com galinhas não consanguíneas.

O cruzamento alternado muito apreciado pelos australianos e entre eles designado por «crisscross», consiste no cruzamento entre duas raças diferentes e as fêmeas dele resultantes são sucessivamente e em anos alternados acasaladas com galos ora de uma, ora da outra raça dos progenitores. Tal como o sistema anterior, exige a manutenção de três núcleos, dois de raças puras e um de fêmeas cruzadas. Os efeitos deste método são semelhantes aos do cruzamento industrial.

A selecção recíproca e recorrente é uma modalidade particular do teste de descendência. Assim, a selecção das duas raças puras que intervêm neste cruzamento, faz-se não em linha pura mas em

face do valor funcional dos produtos do seu cruzamento. É de entre os progenitores que possuem melhor descendência cruzada que será feito o recrutamento do efectivo que no ano seguinte será reproduzido em linha pura. São pois necessárias duas raças para a execução deste método que cada ano, alternadamente, exige a reprodução, ora em linha pura, ora em cruzamento.

Efeitos do cruzamento

Como se compreende o resultado dos cruzamentos no ponto de vista funcional é um pouco variável e depende muito dos caracteres encarados. No entanto, para determinadas características o seu melhoramento é bastante aparente. Assim, é flagrante o seu efeito em relação à fertilidade e taxa de eclosão sobretudo quando estas características se apresentam desfavoravelmente afectadas em virtude de uma consanguinidade estreita.

O desenvolvimento embrionário é mais homogéneo e também mais acentuado nos primeiros dias de incubação, o mesmo se passando em relação ao crescimento dos pintos e homogeneidade dos bandos cruzados, condição aliás essencial no que se refere à produção dos frangos de carne.

A conversão alimentar melhora, bem como a vitalidade dos pintos e a sua resistência a meios desfavoráveis.

No ponto de vista de produção de ovos o resultado dos cruzamentos é em regra intermédio ao das estirpes dos progenitores, às vezes aproximando-se do melhor e mais raramente ultrapassando este.

Esta produção é fundamentalmente melhorada no que respeita à postura hibernal, redução das pausas e precocidade de postura.

Convém no entanto referir que o sentido do cruzamento tem importância primordial em relação à produção de ovos.

É o caso da superioridade das fêmeas Leghorn \times Rhod em relação às Rhod \times Leghorn.

Deve registar-se ainda a melhoria apreciável no que diz respeito ao peso e à forma do ovo que aliás se apresentam também bastante mais homogéneos.

Relativamente ao choco o efeito é variável admitindo-se no entanto maior incidência deste carácter nas galinhas cruzadas, o que aliás é até certo ponto índice de rusticidade.

Devemos no entanto ter presente que este fenómeno constitui um belo exemplo da existência dos «genes ligados ao sexo».

Efectivamente é no geral a raça do galo que comanda o choco. Assim, se este é proveniente duma raça que manifesta esta tendência, as suas filhas são mais afectadas por este carácter do que quando utilizamos por exemplo, galos Leghorn de famílias em que o choco praticamente não se manifesta.

Idêntico fenómeno é o que se designa por «eleito maternal» o qual atribui à mãe a responsabilidade do comportamento sanitário da sua descendência. Na verdade se cruzarmos um galo de uma família com manifesta resistência às doenças, com galinhas de uma estirpe sensível, a sua descendência manifesta mortalidade mais acentuada, do que os descendentes de galos sensíveis e galinhas resistentes.

No que se refere aos animais adultos o seu peso é no geral intermédio ao das raças progenitoras e a taxa de mortalidade não sofre alteração sensível em relação às mesmas.

Podemos pois concluir que o efeito do cruzamento se manifesta principalmente em relação aos caracteres de fraca heritabilidade, tais como fertilidade, eclosibilidade, mortalidade dos jovens, adaptação ao meio ambiente, etc..

Como foi já referido a consanguinidade permite o despiste de genes desfavoráveis denunciados pelos caracteres correspondentes. O seu efeito é sobretudo evidenciado no que respeita à diminuição das taxas de fertilidade, eclosibilidade, defeitos de conformação, crescimento, mortalidade, postura, etc., e isso permite-nos em certa medida exercer a eliminação destes inconvenientes e até certo ponto a fixação dos genes favoráveis. No cruzamento deve procurar obter-se uma combinação favorável do património genético dos progenitores. A heterose ou vigor do híbrido baseia-se, por um lado na dominância de determinadas genes que mascaram genes recessivos desfavorá-

veis, por outro, na superdominância ou acção aditiva dos genes que, como a expressão indica, conjugam os seus efeitos para fazer realçar determinado carácter.

Em face dos conhecimentos actuais não é fácil, no aspecto funcional, prever, duma maneira segura, o resultado de um cruzamento. No entanto eles serão tanto mais seguros quanto mais homogêneos genéticamente se considerarem as linhas progenitoras. Modernamente, com base nos conhecimentos genéticos de certos grupos sanguíneos, pode prever-se em certa medida o resultado de alguns cruzamentos. Efectivamente, os indivíduos heterozigotos para certos genes de grupos sanguíneos, revelam superioridade no crescimento, vitalidade e produção de ovos.

No que respeita ao aspecto fenotípico há certos cruzamentos perfeitamente conhecidos em face da sua dependência de genes ligados ao sexo.

É o caso da possibilidade de sexar pintos do dia de determinados cruzamen-

tos. Assim no cruzamento R. I. R. \times Sussex, a coloração dos pintos machos é do tipo Sussex (amarelados) e a das fêmeas do tipo Rhode (acastanhados). Indica-se sempre em primeiro lugar a raça do macho.

O mesmo se passa em relação aos produtos do cruzamento Sussex \times Plymouth Rock Barrada em que os machos são pretos com malha clara na cabeça e as fêmeas totalmente pretas.

No entanto não nos devemos esquecer que, se um determinado cruzamento é sexável o recíproco não o é.

No próprio Plymouth Barrado, a sexagem dos pintos é possível dado que a extensão da malha clara de que são portadores na cabeça, é mais acentuada nos machos do que nas fêmeas.

Quanto à coloração dos tarsos e da casca do ovo é igualmente possível em grande número de casos prever os resultados de certos cruzamentos.

Estação Zootécnica Nacional,
23 de Outubro de 1962



Galinheiro para frangos de carne. Capacidade: 10 000 aves

PASTAGENS DA SERRA

Por LUÍS BIVAR
Eng. Agrônomo

(Conclusão do n.º 2484 pág. 830)

UM dos grandes problemas a resolver quanto às pastagens das serranias do Minho é, como se viu, a preparação do terreno nos locais onde não entra a charrua.

A medo, sugeri que se empregassem nessa tarefa os presos, visto que, assim, os salários poderiam sair bastante mais baratos.

Quanto à mão-de-obra local, sabe-se já quais seriam os resultados: os trabalhos ficariam caros e as pastagens dariam prejuízo.

Mas, mesmo assim, talvez não se deva pôr completamente de parte a ideia de a utilizar.

Ora pensemos um bocadinho, metamos a mão na consciência e façamos, mentalmente, a seguinte pergunta: não há por aí tanta coisa que se faz e que não compensa?

Citemos apenas um exemplo, aliás vulgaríssimo no Minho.

Numa propriedade em socalcos, de terra pobre, cai um pedaço de muro de suporte; salvo raras excepções o dono, mesmo que não esteja a nadar em dinheiro, manda-o levantar, muito embora saiba de antemão que o preço da obra será superior ao valor do terreno que ela vai segurar.

E, posta a questão nestes termos, façamos, como nas guerras, uma retirada estratégica.

Pena é que ela nos leve para uma

zona onde a segurança deixa ainda muito a desejar.

De facto vamos agora chegar à parte mais melindrosa da questão das pastagens da serra.

Forragens próprias para ela? Como se viu, arranjam-se, poucas ou muitas, melhores ou piores.

Um, já se sabe de certeza que servem, porque já lá se encontram.

Outras devem poder servir porque, dando-se numas serras, é natural que também se dêem nas outras, sobretudo se as condições forem semelhantes.

E, finalmente, há outras que, por serem originárias de terras pobres, frias, secas ou alagadas, é de supor que se dêem nas nossas serras, desde que se lhes escolha, aí, um local apropriado.

Ensaiai forragens? Aqui, já as dificuldades começam a aparecer.

Há muitas sementes que têm exigências particulares e desconhecidas. Em certas terras nascem e crescem que é um consolo; noutras, porém, chegam a fazer greve geral não aparecendo nem sequer uma plantazinha, muito embora a sementeira seja feita com grandes cuidados. No artigo anterior citei um caso desses.

Mas lá porque nos aparece uma grande dificuldade não é caso para desistirmos. Quanto a mim, devemos proceder por partes, a saber:

1) Averiguar se determinadas plantas vão bem na serra.

2) Tratar de estudar, de descobrir o processo de as instalar aí.

Examinemos cada uma delas.

Para estudar as plantas o mais simples, em geral é começar por semeá-las.

Mas se elas na serra nascem mal ou nem sequer chegam a nascer?

Nesse caso, visto tratar-se dum ensaio prévio em que bastam pequenas superfícies, há uma solução muito simples: arranjam-se ou semeiam-se as plantas cá em baixo e, quando houver boas condições, transplantam-se para a serra.

Poderemos assim instalá-las com certa segurança e observá-las, averiguando se se mantêm no novo local e se servem ou não.

E depois? Depois é que é o cabo dos trabalhos.

É claro que para instalar pastagens nem ao Diabo lembraria fazer a plantação das forragens.

Há pois que semeá-las... e fazer com que nasçam e se desenvolvam convenientemente.

Ora aqui é que está a grande dificuldade.

Para as sementes que nascem mal é preciso fazer vários ensaios, talvez muito demorados, talvez sem resultados positivos.

Não só o terreno como também as sementes devem merecer os maiores cuidados.

Há sementes que germinam melhor ou só germinam depois de terem completado a maturação fisiológica, a qual umas vezes demora pouco tempo e outras muito.

É possível que esteja neste último caso a conhecidíssima milhã que infesta os campos de milho do Minho (*Panicum crus gali*), conforme vão ver.

Aqui há uns anos lembrei-me de a semear e estudar porque, embora seja uma forragem de fraca qualidade, produz rápida e abundantemente.

Num batatal muito bem tratado havia soberbos pés dessa erva. Escolhi entre os melhores e colhi-lhes a semente,

que parecia bem madura, isto é, que caía mal se dava à planta um ligeiro toque.

Pois a verdade é que tendo-a semeado com todos os cuidados, em boa terra, nem um só pé nasceu.

Seria porque as sementes, embora já com a *maturação externa* ou *morfológica* ainda não tinham atingido a maturação fisiológica?

Seria... mas também podia não ser, ou, pelo menos, não ser só isso. É que há outras causas que influem na germinação; falarei ainda de três delas.

Há sementes que para germinarem ou para germinarem melhor, além do tempo necessitam de sofrer os rigores do Inverno; precisam de ser submetidas natural ou artificialmente àquilo a que os Ingleses chamam *after-ripening*.

Há outras que têm a casca rija e que germinam melhor se esta for raspada mediante a operação denominada *escarificação*.

Há outras que embora possam ter a casca mole, gostam de que ela sofra a acção de determinados, ou melhor, *indeterminados agentes*.

É o caso das sementes de certas ervas que o gado come; essas sementes, *devolvidas* após a sua viagem *gastro-intestinal*, germinam muito melhor.

Não sei se os investigadores da especialidade têm procurado descobrir qual é o agente ou agentes que no estômago ou intestinos, parece actuar sobre as sementes, pondo-as em melhores condições de germinação. Sei apenas que, por meio de certos produtos químicos, se procura produzir na casca um amolecimento que actue como a *escarificação*; e que também se envolvem as sementes com determinados adubos (*pralinagem*) para que elas germinem melhor.

É natural que haja ainda vários segredos ligados à germinação; oxalá que os Homens da Ciência os vão descobrindo.

E agora, se mo permitem, farei segunda retirada estratégica, porque me estão a faltar os meios de combate.

Procurarei obtê-los. E, entretanto, faço votos para que outros, mais valentes e mais bem armados, se empenhem a fundo no duro combate das ervas contra o mato da serra.

A Adega Cooperativa de Pontével

(Uma aspiração)

Por

ANTÓNIO ROSA JÚNIOR

Eng. Agrónomo

HA no Ribatejo solos e climas variadíssimos. Em algumas zonas as cheias do Tejo, que lavam terras de Espanha e de Portugal, espraçando-se em regime de marcha lenta que rompe a camada superficial da bacia, vão deixando o nateiro que enriquece, apesar de os mais acautelados e receosos de o fisco os castigarem, afirmarem que os nateiros são estéreis. Claro que não é só dos livros o conhecimento de que as terras de sedimentação, cujos sedimentos também derivam da lavagem das camadas superficiais das terras de cultura, são frescas fundas e férteis.

Aqui e ali encontram-se umas manchas areadas, bem como as alvercas da erosão, mas o que é isso comparado com o resto que constitue benéfico?

As terras que não são de *campo*, aquelas que pertencem ao «bairro» apresentam-se mais diferenciadas e os estudos dos solos agrícolas aqui encontram todas as séries conhecidas. Assim há terrenos muito pobres e secos, terrenos que retêm facilmente humidade em quantidade apreciável sem se deixarem enxarcar, argilosos, arenosos, etc.. Ora nestes terrenos de muito menor produção onde o vinhateiro, em especial o *fazendeiro*, o que consegue milagres de um trabalho que poucos sabem avaliar, trabalhando sem horário e com a maior vontade, pode chegar ao fim da colheita com bons resul-

tados económicos porque o seu trabalho é mais intenso e perfeito na função de produção a que o destinou. E é assim porque não paga salários a trabalhadores que não merecem o que se lhes paga.

Na região que mais interessa à Adega de Pontével, isto é, nas freguesias do Cartaxo que ocupam o «bairro», o interesse pela vinha tem sido sempre a grande razão porque ali encontramos a propriedade bastante retalhada e os campos povoados por muitos *casais*, espalhados por toda a parte. Foi o fazendeiro que sonhou com a divisão das «quintas que os senhores da vila ou das cidades não puderam explorar nem souberam sustentar, que ali adquiriram um ou mais *sacos*—medida agrária usada no concelho—para eles próprios applicarem a sua actividade instalando pequenas vinhas trabalhadas por eles, na ância de melhores lucros e com o desejo de apresentarem à mesa o néctar tão apreciado, que na vila denominam Vt₁₃ e Vb₁₄ e que não é mais do que o antigo «presunto» tão apreciado pelos valentões da «Campina».

É vê-los numa azáfama permanente a tratar e alindar os seus vinhedos que mais parecem jardins; é vê-los nas suas carroças, com animais bem ajaezados, a correr à vila a adquirir o sulfato e outras drogas que alguém lhes disse que fazem bem à vinna. Aos domingos e dias de mercado sempre procuram associar-se em

grupos, nos pontos de reunião domin-gueira para cavaquear um pouco e fala-rem mais nas suas vinhas do que no futebol e outros desportos, apesar de se encontrar algum desvio da gente moça para o ciclismo e para a T V.

Pessoal excelente trabalhador, pode-remos considerá-lo especializado em vitivinicultura, pois desde pequenos que trabalham na vinha na prática de todos os trabalhos fazendo a poda, a empa, a cava, a raspa, a ata, as curas, a colheita e todas as operações necessárias para a obtenção do vinho tão justamente afa-mado. É interessante ver como tratam a vinha e algumas oliveiras dispersas sob a copa das quais sempre semeiam umas favas ou um pouco de «verde para a mula que vai fornecendo o estrume que há-de fertilizar o terreno das videiras».

São realmente dedicados ao seu torrão e ciosos do seu valor. Muitos tratam das suas vinhas quando há menos procura de mão-de-obra, e nos períodos de procura saem mais para o Oeste onde chegam a receber salários astronómicos. Os cento e quarenta escudos, e mesmo mais, já alguns trabalhadores têm chegado a ganhar diáriamente na cava da vinha.

Chega a parecer impossível que alguns vinhateiros cheguem a pagar cem escudos diários a homens que dao a «água para a cura», mas isso tem acon-tecido. Estes vinhateiros do bairro perdem a cabeça e não fazem contas, o que interessa é evitar quanto possível perder todo o capital comprometido nos pri-meiros trabalhos e preparar o melhor possível a vinha sempre na esperança de uma produção que o mercado adquira por compensador. Quantas canseiras!!!

Poda no cedo, empa, estrumação ou adubação, cava, raspa, ata, esladroa, etc., é um nunca mais acabar de preocupações para, uma vez feito o vinho, se lançar nas mãos do comprador que o explora porque dispõe do dinheiro que o fazen-deiro necessita e recebe bem caro.

Só as Adegas Cooperativas, funcio-nando com o apoio que bem merecem, podem salvar o fazendeiro das garras do oportunista que, apesar de tudo, ainda é a sua tábua de salvação. Só por inter-médio da Adega Cooperativa de Ponté-vel, de Aveiras e outras se torna viável

demarcar zonas e criar marcas de vinhos que ao mercado serão fornecidos sempre capazes de merecer a confiança do con-sumidor, por ser fácil evitar as mixordias e preparar um tipo sempre sensivelmente o mesmo.

É pois indispensável que se instale a Adega de Pontével e que ela possa dar ao fazendeiro o apoio de que ele é bem merecedor, que mais não seja pela cora-gem que tem tido de lutar contra tudo e com a adversidade, não recuando perante os insucessos sempre na esperança de melhores dias.

As massas vinárias das vinhas do «bairro» são maravilhosas e não há melhor, seja para o fabrico do bom vinho de mesa, seja para os vinhos licorosos. Resta cuidar da sanidade no fabrico, senão mesmo de algumas pequenas modifica-ções para se conseguir vinho que poderá marcar o seu lugar e estar sempre pre-sente quando se procure vinho que satis-faça os mais exigentes e lhes proporcione passar momentos de alegria que não mais possa esquecer.

É frequente aparecerem os compra-dores do bom vinho que nesta zona o adquirem quase sempre por preço supe-rior aos dos outros vinhos, desde que o vinhateiro se firme e não se deixe arrastar pelas boas palavras dos bem-feitores.

De Lisboa e de Santarém aparecem sempre os habituais compradores, mas o norte também aqui aparece para adquirir a «boa pinga» que o vinhateiro bem conhece e regateia, pois sabe bem que todo o que ali compra o vinho uma vez ali voltará no ano seguinte a bater-lhe à porta, a perguntar-lhe pela colheita.

Uma vez construída e posta a funcio-nar a Adega Cooperativa pouco haverá a fazer tècnicamente quanto ao fabrico e interessará certamente fixar o tipo e produzi-lo em grande quantidade, sem a mistura de uvas que lhe poderão tirar características de nobreza que lhe são peculiares. Então Pontével que teve cate-goria de vila e pertenceu à ordem de Malta, sendo, segundo alguns, uma das suas comendas mais importantes, apare-cerá novamente valorizada e poderá ficar a dever à organização cooperativa mais uma época de grandeza e bem estar.

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Engenheiro Agrônomo

(Continuação do n.º 2483, pág. 864)

34 E. M.

Berlandieri × Riparia 34 E. M.

(FOËX)

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: verde-levemente acobreado ou esbranquiçado, rosado na margem das folhinhas, cotanilhoso, sobretudo nas nervuras das folhinhas.

Estípulas: com cerca de 5mm de comprimento.

Entrenós: arroxeados do lado da luz; tearaneó-cotanilhosos nos entrenós superiores e aveludados nos inferiores; costado-estriados, sobretudo nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verde-esbranquiçadas, com reflexos acobreados, nas folhas mais novas, tornando-se rapidamente verdes, com as nervuras esbranquiçadas, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, o lobo superior com o ápice acentuado e caracteristicamente acuminado.

Aurículas: nulas nas folhas mais novas e sub-nulas ou muito afastadas, formando geralmente no ponto peciolar um ângulo igual ou levemente superior a 180°, nas folhas mais velhas.

Limbo: sub-liso, cotanilhoso em ambas as páginas das folhas mais novas, tornando-se gradualmente tearaneó ou pouco tearaneó na página superior e nitidamente pubescente na inferior, nas folhas mais velhas.

Peciolo: arroxeadó, cotanilhoso nas folhas mais novas e aveludado nas folhas mais velhas, pelo predomínio dos pêlos curtos sobre os compridos.

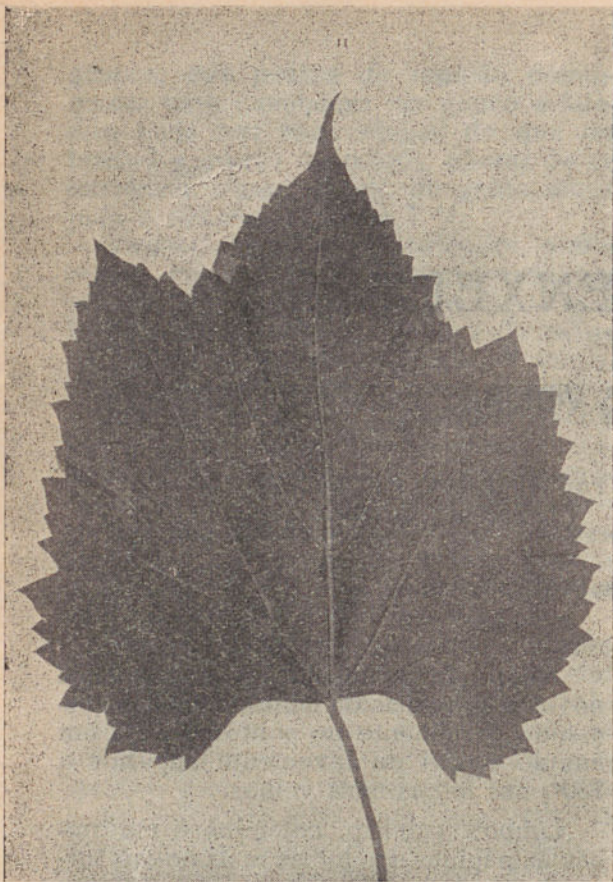
2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente medianas, mais compridas do que largas, cuneiformes.

Recorte principal: sub-trilobadas, as folhas da base do pâmpano frequentemente trilobadas.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes quase tão largos como compridos, o lobo superior com o ápice nitidamente acuminado em forma de garra e curvado para a página inferior.

Mucrão: amarelado, bem desenvolvido.



34 E. M.

Aurículas: geralmente bastante afastadas, de bordos internos sub-paralelas, formando seio peciolar em U bastante aberto.

Limbo: espesso, sub-liso ou ligeiramente empolado junto ao ponto peciolar e levemente ondulado em goteira, de bordos acentuada e caracteristicamente revolutos, com a página superior verde, algo brilhante, glabra e a inferior mais clara, escassamente pubescente, salvo as nervuras principais e secundárias que se mantêm nitidamente pubescentes; nervuras principais mais ou menos avermelhadas em ambas as páginas, por vezes nitidamente avermelhadas em grande extensão.

Peciolo: em regra nitidamente avermelhado e nítida e caracteristicamente aveludado, com caneladura medianamente acentuada.

3—Sarmentos

Castanho claro-pardacentos; entrenós de comprimento mediano, de secção sub-elíptica, com uma face plana; em regra obsoletamente costado-estriados; lentículas pequenas, muito dispersas; gomos medianos ou pequenos. Nota-se ainda nitidamente a pubescência característica dos pâmpanos.

4—Flores

Fisiològicamente masculinas.

5—Porte da planta

Prostado.

157-11

Berlandieri de las Sorres x Riparia Gloire de Montpellier 157-11

DE COUDERC.

1—Pâmpanos

Abrolhamento: verde-acobreado e esbranquiçado, levemente rosado-acarminado na margem das folhinhas, cotanhoso ou tearaneo-cotanhoso.

Estípidas: com cerca de 4mm de comprimento.

Entrenós: levemente arroxeados do lado da luz, tearaneos nos entrenós superiores e glabrescentes nos inferiores, costado-estriados.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verde-acobreadas, com as nervuras levemente avermelhadas na página superior, nas folhas mais novas, tornando-se verdes nas folhas mais velhas.

Recorte principal: sub-trilobadas.

Recorte marginal: lobos denticulados, o lobo superior com o ápice acuminado, sobretudo nas folhas mais novas.

Aurículas: muito afastadas nas folhas mais novas e pouco afastadas, de bordos, internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U mais ou menos fechado, nas folhas mais velhas.

Limbo: miudamente bolhoso, um tanto empolado junto ao ponto peciolar, tearaneo-cotanhoso em ambas as páginas nas folhas mais novas e tornando-se gradual e ligeiramente tearaneo, com as nervuras principais e secundárias puberulentas, na página superior e pubescente na inferior, sobretudo nas referidas nervuras nas folhas mais velhas.

Peciolo: verde nas folhas mais novas e verde com reflexos avermelhados nas folhas mais velhas, tearaneo-cotanhoso.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: geralmente medianas, mais compridas do que largas, cuneiformes.

Recorte principal: sub-trilobadas.

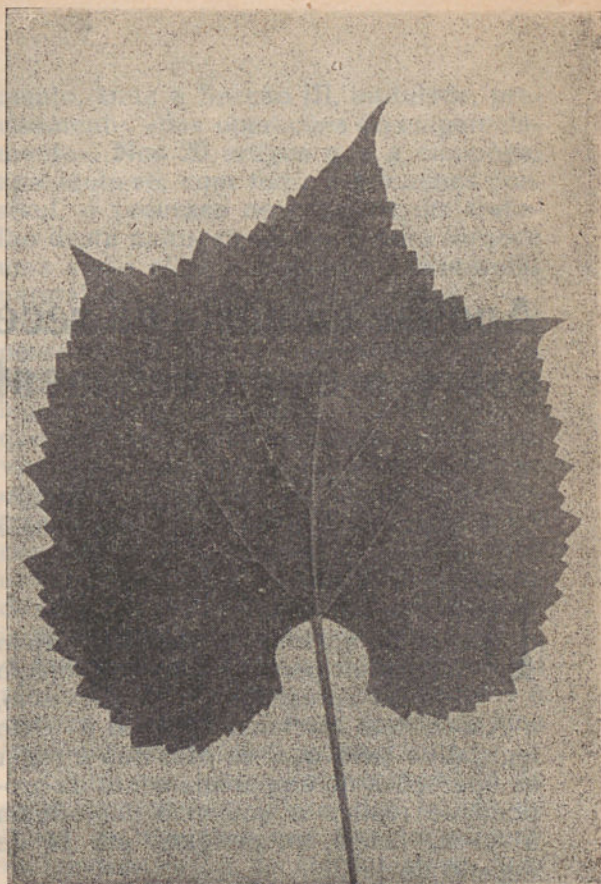
Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes geralmente mais largos do que compridos, o lobo superior com o ápice acuminado e um tanto em forma de garra e os laterais sub-acuminados.

Mucrão: amarelado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: geralmente pouco afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U ou por vezes em V.

Limbo: delgado, nitidamente bolhoso, com a página superior verde, levemente clara, brilhante, glabra e a inferior mais clara, glabrescente ou escassamente pubescente, mais acentuadamente pubescente nas nervuras principais e secundárias; nervuras principais esverdeadas em ambas as páginas ou apenas levemente avermelhadas na região do ponto peciolar, na página superior.

Peciolo: geralmente verde-claro, ligeiramente tearaneo ou glabrescente,



157-11

com caneladura pouco acentuada ou indistinta.

3 — Sarmentos

Pardacentos e castanho-pardacentos escuros junto aos nós; entrenós compridos, de secção elíptica, geralmente com duas faces planas ou mesmo côncavas; finalmente costado-estriados; lenticulas pequenas, muito dispersas; gomos medianos ou pequenos.

4 — Flores

Fisiologicamente masculinas. Observaram-se, todavia, raras frutificações.

5 — Porte da planta

Prostado.

Análise sumária da recente legislação portuguesa sobre o emparcelamento da propriedade rústica

Por
ALBERTO JOSÉ LAGO DE FREITAS
Eng. Agrónomo

DEPOIS de um longo e profundo estudo dos princípios contidos no projecto de lei apresentado pelo Governo, a Assembleia Nacional aprovou o texto legislativo pelo qual se passarão a reger as operações de emparcelamento da propriedade rústica e que veio dar origem à lei n.º 2116, promulgada em 14 de Agosto de 1962.

Através da leitura atenta deste documento fica-se com uma ideia clara das normas e trâmites a seguir para a execução das medidas de recomposição predial e nota-se a preocupação constante de salvaguardar os legítimos interesses dos proprietários.

Nas primeiras seis bases são abordados os problemas relativos ao fraccionamento, à troca de terrenos e aos direitos de preferência e disciplinam-se os respectivos processamentos. Assunto de muito interesse, sem dúvida, mas que não constitui, pròpriamente, matéria de emparcelamento.

Assim, é só a partir da base VII que a lei se debruça exclusivamente sobre aquele tema, começando por definir o que se entende por emparcelamento da propriedade rústica e por indicar quais os objectivos a atingir; em seguida, espraia-se por considerações relativas à forma como se desenvolvem as operações, determinando os agentes executores e as Comissões auxiliares, concretizando as respectivas funções e, bem assim, os membros que delas deverão

fazer parte; mais adiante, detem-se na análise das obrigações que incumbem aos proprietários e dos direitos que lhes assistem, prescrevendo todas as garantias a conceder e demarcando prazos de recursos e períodos de exposição dos variados documentos e, finalmente, enumera as regalias de natureza fiscal, como isenções de sisa, de contribuição predial durante seis anos, e de imposto de selo, a conceder aos interessados sempre que a natureza das causas seja relacionada com a recomposição predial.

Como um dos problemas que mais preocupa as entidades responsáveis prende directamente com a área diminuta de grande número das explorações agrícolas e com a pequenez excessiva dos prédios que as constituem, este foi também um assunto que mereceu a atenção dos legisladores, pelo que na cita ta lei se faz referência a Unidades mínimas de cultivo e se estabelece a possibilidade de aumentar a área das empresas de dimensões insuficientes, se os proprietários o pretenderem, com a única finalidade de melhorar as respectivas condições técnicas e económicas.

Pelo que se acaba de dizer depreende-se facilmente que ao longo das 33 bases em que se desdobra a lei número 2116 sobre o emparcelamento da propriedade rústica houve a intenção de equacionar o problema da extrema divisão e dispersão prediais, de apresentar para o mesmo uma solução satisfatória,

quer do ponto de vista técnico quer do humano, e de avaliar e pôr em realce as respectivas repercussões e vantagens.

É uma lei-base, que se interessou da matéria de fundo, sem se preocupar com os detalhes da execução.

Todavia, estes mesmos detalhes interessam sobremaneira. Com efeito, não pode deixar-se ao livre arbitrio de qualquer pessoa a forma como se deverá dar vida ao articulado de uma lei, precisamente porque interessa estruturar uma disciplina e estabelecer as directrizes a respeitar e a fazer respeitar por todos aqueles, técnicos ou agricultores, funcionários do Estado ou proprietários, que com estas questões venham a estar relacionados.

Essa disciplina e essas directrizes encontram-se traçadas no decreto numero 44 647, de 26 de Outubro de 1962, que regulamentou a lei atrás citada, sendo como que um complemento indispensável das disposições nela contidas.

Em poucas palavras, o conteúdo do decreto referido é o seguinte:

Na Secção I, e com a transparente intenção de tornar mais claro o que ao longo do articulado se aprecia, analisam-se as finalidades de uma operação de emparcelamento, retomando-se assim, e integralmente, algumas passagens da lei, precisamente aquelas cuja inclusão foi julgada conveniente, actuando como esclarecimento e como reforço de propósitos.

Na Secção II figuram os órgãos administrativos e judiciais, precisando-se funções e modos de actuação e indicando-se a composição dos mesmos. Nesta secção, além da Junta de Colonização Interna, Organismo encarregado de promover as operações de recomposição predial, faz-se referência pormenorizada à actividade das Comissões locais, das Subcomissões de Trabalho e dos Tribunais Arbitrais, nada tendo sido descurado, tudo se encontrando previsto.

Da iniciativa das operações de emparcelamento, dos estudos preliminares a levar a cabo, do anteprojecto e do projecto de emparcelamento, da execução dos planos de recomposição agrária, e da titulação dos resultados do emparcela-

mento, trata a Secção III, intitulada, precisamente, «das operações do emparcelamento». Nos 20 artigos que a compõem apresenta-se, com todo o pormenor possível, o processo de conduzir um trabalho desta natureza. A sua leitura fornece uma visão clara e simples do desenrolar natural das diversas fases técnicas.

Em todas as coisas da vida há sempre pessoas que se não conformam com as decisões tomadas e que pretendem muito legitimamente reclamar. Também nesta questão do emparcelamento estão previstas reclamações e recursos, deles se ocupando a Secção IV. Aqui se encontram registadas as normas a cumprir pelos candidatos a reclamantes, períodos que deverão respeitar, entidades a quem se deverão dirigir, enfim, toda uma série de indicações imprescindíveis para o efeito e que mostram bem a atenção que tal sector da lei mereceu aos legisladores e que se traduz na defesa constante dos legítimos direitos dos proprietários.

Claro que estes têm necessidade de estar sempre bem informados acerca de todos os assuntos que directa ou indirectamente sejam do seu interesse. Para tanto, há que indicar a forma de tal se levar a cabo, seja através da afixação de editais e da publicação de anúncios nos jornais locais, seja mediante a notificação pessoal, ou por qualquer outro meio. Desta matéria se ocupa a Secção V. Finalmente a Secção VI trata das disposições gerais relacionadas com a matéria em análise.

Embora se tenha a consciência de não se haver dito tudo, tem-se pelo menos a convicção de se haver dito o essencial sobre os principais pontos focados no decreto regulamentador da lei do emparcelamento da propriedade rústica.

A lei e o regulamento são, como já se disse, indissociáveis, pois se completam como é mister.

Na posse destes diplomas, a Junta de Colonização Interna ficou assim com as ferramentas necessárias para trabalhar neste melindroso sector. E que se fez então?

Esta pergunta, com certeza formulada por muitas pessoas naturalmente curiosas, pode ter, e tem já, neste momento uma resposta satisfatória. A Junta de

PERÍMETRO DE ESTORÃOS

CONCELHO DE PONTE DE LIMA

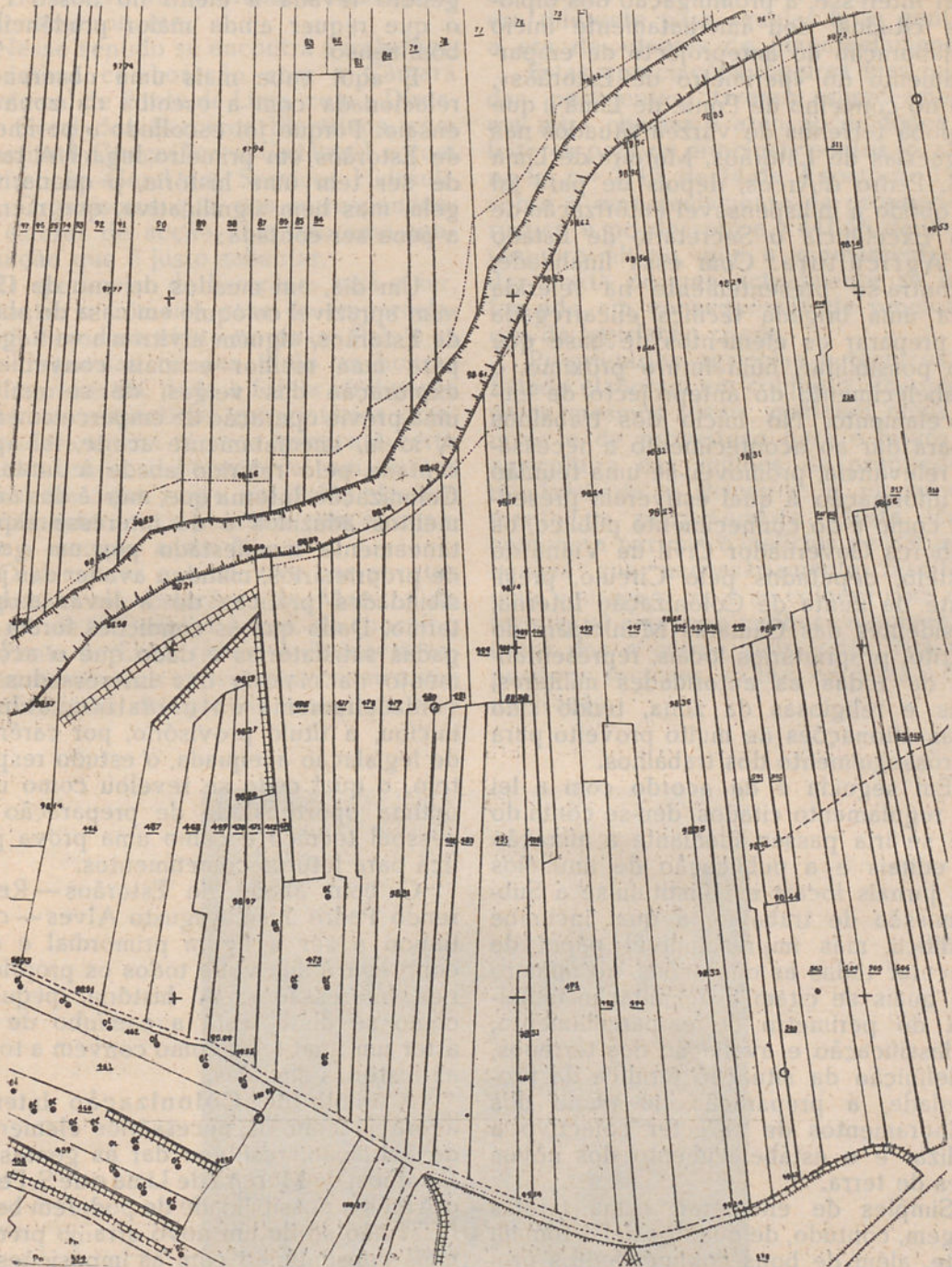
VEIGAS DE SOBREIRO, QUINTAS
E MOREIRA



Escala aproximada 1:11.600

A planta mostra o perímetro de emparcelamento, englobando as veigas de Sobreiro, Quintas e Moreira

EMPARCELAMENTO DE ESTORÃOS



Escala aproximada 1:2000

Pormenor da folha n.º 6, mostrando o inconcebível fraccionamento no sentido transversal da veiga, onde há leiras com 2 m de largura e 300 m de comprimento

Colonização Interna, que vinha aguardando serenamente, mas com compreensível interesse, a promulgação dos diplomas citados, deu imediatamente início à elaboração do «perímetro de Estorãos», sito no concelho de Ponte de Lima e que engloba terrenos de várzea situados nas freguesias de Estorãos, Moreira de Lima e S. Pedro d'Arcos, depois de para tal ter obtido a indispensável autorização de Sua Excelência o Secretário de Estado da Agricultura. Com essa finalidade, encontra-se presentemente na referida zona uma brigada técnica encarregada de preparar os elementos de base que irão possibilitar, num futuro próximo, o estabelecimento do anteprojecto de emparcelamento. No início dos trabalhos e para dar ao acontecimento a necessária relevância, promoveu-se uma reunião de informação à qual estiveram presentes, como é do conhecimento público, os senhores Governador Civil de Viana do Castelo, deputados pelo Círculo, presidente da Junta de Colonização Interna, presidentes das Câmaras Municipais do distrito, proprietários locais, representantes de todas as autoridades militares, civis e religiosas da zona, tendo sido feitas afirmações de muito proveito para o prosseguimento dos trabalhos.

Em seguida e de acordo com a lei e o regulamento citados, deu-se conta do que se iria passar, mediante a afixação de editais e a publicação de anúncios nos jornais locais e constituiu-se a Sub-comissão de trabalho, à qual incumbe o difícil mas imprescindível papel de executar todas as operações, no número das quais se citam a delimitação definitiva do perímetro de emparcelamento, a classificação e avaliação dos terrenos, a definição da situação jurídica da propriedade, a preparação do plano dos melhoramentos de carácter colectivo a realizar e o estabelecimento dos novos lotes de terra.

Simplezes de enumerar, estas tarefas exigem, contudo, de quantos nelas tomam parte, além de bons conhecimentos profissionais, muita devoção, interesse, perseverança, inteligência e diplomacia.

Nesta fase se encontra o trabalho, o qual tem de decorrer lentamente, não

só pela sua própria natureza mas também por se tratar da primeira operação do género levada a efeito no nosso País, o que requer ainda maior prudência e bom senso.

E aqui cabe mais uma observação relacionada com a escolha da zona de ensaio. Porque foi escolhido o perímetro de Estorãos em primeiro lugar? A razão de ser tem uma história, pequena, singela, mas bem significativa, que merece a pena ser contada:

Um dia, em meados do ano de 1961, num aprazível colóquio em casa do abade de Estorãos, alguém alvitrou a vantagem, para uma melhor e mais conveniente exploração das veigas, de se realizar uma prévia operação de emparcelamento. A ideia, imediatamente aceite, foi apresentada pelo referido abade à Junta de Colonização Interna que, mercê dos argumentos aduzidos e do interesse espontaneamente manifestado por um grupo de proprietários, mandou avaliar as possibilidades práticas de a levar a bom termo. Dado que as condições foram julgadas satisfatórias e dado que o acolhimento da maioria dos interessados foi verdadeiramente entusiástico, a Junta iniciou, a título provisório, por carência de legislação adequada, o estudo respectivo, o qual cedo se revelou como uma óptima oportunidade de preparação de pessoal técnico e como uma prova prática para futuros cometimentos.

O bom abade de Estorãos — Reverendo Padre José Augusto Alves — continuou a ser a figura primordial e que congrega à sua volta todos os proprietários interessados. A história, pequena como se disse, está a caminho de vir a ter um final feliz, como convém a todas as histórias singelas.

A Junta de Colonização Interna, agora já com os necessários elementos de actuação, resolveu dar às gentes de Estorãos, de Moreira de Lima e de S. Pedro d'Arcos a possibilidade de poderem beneficiar não só de um novo arranjo predial, mais consentâneo com as imposições da época em que se vive, mas também dos melhoramentos conexos ao emparcelamento, no número dos quais se contam uma funcional rede de caminhos, a adap-

tação ao regadio, o abastecimento de energia eléctrica e de telefone, a correcção do ribeiro de Estorãos, a construção de fontenários, etc..

Nesse sentido se encontra a trabalhar, em íntima colaboração com a Câmara Municipal de Ponte de Lima, com a Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, com o Instituto Geográfico e Cadastral e com a Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, Organismos que, nas correspondentes esferas de acção, têm tido uma contribuição que é justo salientar.

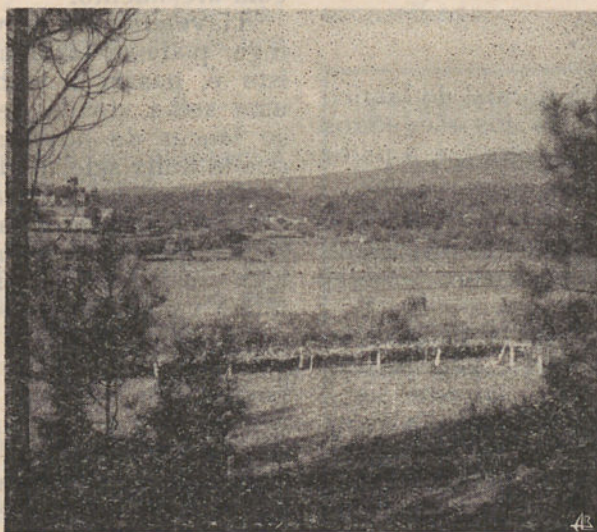
O «perimetro de Estorãos» virá a ser, portanto, o primeiro caso de emparcelamento levado a efeito no nosso País e as três freguesias citadas terão as honras que mereceram, dada a forma inteligente como os respectivos proprietários compreenderam uma técnica nova, até certo ponto ousada, indispensável em muitos casos, mas que exige em todos eles um rompimento com o passado, com a rotina, com o «sempre assim foi».

O momento que se vive nas pacatas freguesias de Estorãos, de Moreira de Lima e de S. Pedro d'Arcos, do concelho de Ponte de Lima, já não é de incerteza; presentemente, a expectativa cedeu a vez à convicção de que os trabalhos vão

chegar ao fim e que com eles se abrirá uma época nova e um rumo mais risonho no caminho do progresso, marcando uma era diferente para aquelas boas gentes: a era de «depois do emparcelamento».

Estas apreciações, ligeiras mas julgadas pertinentes, tiveram simplesmente em mira chamar a atenção de todos os leitores para os principais pontos focados na lei n.º 2116, de 14 de Agosto de 1962, sobre o emparcelamento da propriedade rústica e no decreto n.º 44647, de 26 de Outubro último, que a regulamentou e dar conta do que actualmente se está fazendo em consequência da promulgação da legislação citada.

Proprietários agrícolas e técnicos do Estado elaboram em conjunto, irmanados pelos mesmos ideais, qualquer coisa de novo e de proveitoso para o futuro da agricultura das regiões de propriedade minifundiária e dispersa: o emparcelamento da propriedade. Desta acção comum, a par dos benefícios de natureza agrária que necessariamente resultam, uma vantagem mais se colherá com certeza, qual seja uma melhor compreensão entre uns e outros, pois todos, nos respectivos sectores, só têm em vista o bem da Nação.



Perimetro de Estorãos— Vista parcial

VINHOS NOVOS

Por PEDRO NÚNCIO BRAVO
Eng. Agrónomo

Os vinhos deste ano apresentam-se, em muitos casos, com baixo grau alcoólico e por esse motivo devemos ter com eles cuidados especiais, para que se conservem em boas condições sanitárias.

Os «vinhos» colhidos tarde são mais alcoólicos mas provêm de cachos que apanharam as primeiras chuvas do Outono, e muitos deles rapidamente se recobriram de bolores dando, assim, vinhos que correm o risco de adoecer e de virem a patentejar a casse oxidásica, ou castanha.

Os vinhos novos exigem cuidados e vigilância cuidada, desde o «fabrico» até ao consumo.

Terminada a época normal do fabrico vamos chamar a atenção dos adegueiros para os cuidados que devem ter, a partir desta data.

Atestos: Logo que a fermentação lenta começa a abrandar, devem começar os atestos.

Não convém aguardar a paralização da actividade fermentativa, para se iniciarem os atestos.

Na fase final da fermentação, a quantidade de anidrido carbónico formado é insufficiente para impedir a actividade dos microorganismos aeróbios, causadores do avinagramento e da «flor».

Quando a fermentação lenta começa a declinar, é necessário «abatocar» a vasilha.

Não se deve calcar demasiadamente o batoque, para permitir a saída do anidrido carbónico, no caso da pressão interna se elevar além de certos limites. Subindo a pressão interna o batoque será «cuspido» pois não se encontra fortemente comprimido.

Se o vinho ainda se encontrar em fermentação «lenta» convém ver a sua densidade, com um simples mustímetro.

No caso da densidade ser superior a 1003, ou 1005, convirá fazer — durante as horas mais quentes do dia — uma trasfega com arejamento.

Havendo falta de vasilhas para a trasfega, pode-se fazer uma «remontagem», isto é, passar o vinho da vasilha para uma selha, donde depois se retira para se lançar de novo na mesma vasilha, donde tinha sido tirado.

Para se forçar o arejamento pode-se colocar uma torneira no «barreiro» de forma que fique com a «chave» para baixo, e a «saída» para cima, por onde o vinho sai em repuxo, caindo numa selha colocada no chão.

Pode também por-se a torneira na posição do costume, fixando-se-lhe um pequeno cesto de vime. O vinho saído da torneira escapa-se por entre as «malhas» do cesto, arejando bem antes de cair na selha que será colocada no chão, em posição conveniente para receber o vinho.

Da selha retira-se depois o mosto, a cântaro ou por meio de bombas, para

voltar à mesma vasilha, deitado de alto, sobre um funil colocado na batoqueira.

Por meio deste arejamento, a fermentação deve-se «reacender» com mais intensidade, para que todo o açúcar se encontre desdobrado antes da chegada dos primeiros frios do Inverno.

Terminada a fermentação lenta, deve-se proceder à «prova» do vinho para se verificar se ainda tem algum açúcar por desdobrar (densidade igual ou superior a 1000) ou se tem o defeito conhecido pelo nome de «sulfídrico» (cheiro a ovos chocos).

Se tem açúcar por desdobrar e já não apresenta sintomas de fermentação, deverá tentar-se a «refermentação», isto é, o recomeço da actividade fermentativa. Para isso, se tudo correu bem durante a vindima e as fermentações, tumultuosa e lenta, e se o grau alcoólico do «vinho-mosto» não for muito elevado, é provável que baste o tratamento seguinte:

1.º Por cada 100 litros de vinho apliquem-se 25 a 30 gramas de ácido tartárico.

2.º Por cada hectolitro de «vinho-mosto» apliquem-se 25 gr de fosfato de amónio.

3.º No dia seguinte, bata-se o líquido vínicu para pôr as borras em suspensão e trasfegue-se com arejamento, ou faça-se a «remontagem».

Se o «vinho-mosto» se apresentar «sulfídrico», terá de ser tratado.

No geral basta um tratamento muito simples mas, na maior parte dos casos, suficiente e verdadeiramente eficaz, que consiste numa simples trasfega, ou «remontagem», com forte arejamento.

Antes de se fazer qualquer trasfega com arejamento, convém fazer-se o seguinte ensaio.

Toma-se um copo de vidro incolor, de capacidade de 1 a 2 decilitros. Enche-se com vinho e deixa-se ao ar e à luz, durante dois dias. Se o vinho no fim daquele tempo não apresentar qualquer alteração de cor, nem turvar, pode ser trasfegado com arejamento. Caso contrá-

rio, não devemos arejar o vinho, sem que previamente se faça um tratamento conveniente.

Os vinhos avinagrados, ou com tendência para a acetificação, não devem ser arejados.

No caso de ter terminado a fermentação, convém aguardar cerca de duas a três semanas, para que os vinhos clarifiquem, depositando as borras, passando-se nessa altura os vinhos a «limpo» para vasilhas limpas e sem defeito.

Os bagaços que ainda aguardem a oportunidade para serem destilados, devem ser vigiados para que se não corra o risco de fendilhar, gretar ou estalar a cobertura, que deve isolar o bagaço do ar, para que não avinagre, não crie bolores, nem se perca álcool por evaporação.

Pronto o vinho para beber, manda a prudência que se encetem primeiro as vasilhas cujos vinhos nos mereçam menos confiança.

Para o fim reservam-se os vinhos sãos e sem defeito, como muitas vezes temos aconselhado.

INTERMEDIARIO DOS LAVRADORES

Todos os assinantes da Gazeta das Aldeias, depois de um ano de assinatura paga, têm o direito de fazer inserir gratuitamente, nesta secção, em cada ano, dois anúncios de três a quatro linhas em que ofereçam produtos da sua exploração agrícola, ou solicitem trocas de animais, plantas, sementes, etc., de que necessitem. Esses anúncios serão publicados duas vezes. Não são considerados nesta regalia os anúncios de carácter comercial.

Láparos com dois meses, *Gigante Espanhol* pardo. Vende-se a 20\$00 o quilo. Rua Pedro Álvares Cabral, 1 — Rio Tinto.

Choupos Híbridos dos viveiros da Quinta do Mosteiro de Grijó — Argoncilhe — Mais de 20 000 clones italianos em viveiros do 1.º e 2.º ano sob orientação técnica especializada.

A TÉCNICA

ao Serviço da Lavoura

Por

COLUMBANO TAWEIRA FERNANDES

Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2483, pág. 859)

COMO já frizámos anteriormente o futuro da cultura do castanheiro em Portugal reside na possibilidade de se conseguirem plantas resistentes à «doença da tinta» e em quantidade tal que à lavoura não faltem castanheiros para um



Fig. 1 — A fecundação controlada para a produção de castanheiros híbridos é um meio bastante seguro de conseguir plantas resistentes ao mal da «tinta».

melhor aproveitamento dos seus terrenos menos produtivos agricolamente.

Na verdade a pesquisa de plantas resistentes é o principal factor a considerar num problema de melhoramento da espécie uma vez que não é possível êxito futuro na expansão dos castanhais sem termos a garantia de que os castanheiros plantados não sucumbem ao flagelo.

O trabalho de selecção visando a pro-

dução de castanha ou madeira e a adaptação ao meio ambiente não pode conduzir a resultados seguros sem que os técnicos não possam garantir ao lavrador plantas resistentes aos parasitas que provocam o mal da «tinta», hoje o principal obstáculo na reconstituição dos castanhais.

De facto, os técnicos ao procurarem castanheiros com características que garantam possibilidades comerciais não podem alhear-se do problema da resistência às pragas de carácter epidémico pois se o fizerem arriscam-se a um fracasso completo num futuro mais ou menos próximo. Eis porque nos nossos trabalhos de experimentação e investigação florestal temos dado maior importância ao factor resistente embora os restantes não fossem descurados.

É certo que o facto de conseguirmos plantas resistentes à «doença da tinta» não nos coloca na posição de vencedores quanto à cultura do castanheiro pois a resistência só por si não resolve o problema principal que é o de possuímos com bom desenvolvimento vegetativo e bons produtos de fruto e madeira.

Além disso, ao encontrarmos um castanheiro resistente quer por fecundação livre quer por fecundação controlada e ainda após infecção natural ou artificial

ninguém nos garante que a característica de resistência se mantenha desde que as condições agro-climáticas e de cultura difiram um pouco daquelas onde foram ensaiados e apareçam raças de fungos mais virulentas do que aquelas que serviram de inóculo. São tantos os factores que podem contribuir para um êxito ou fracasso que somos sempre levados a sermos apenas parcialmente optimistas. Mas, seja como for e porque o óptimo é o inimigo do bom parece-nos que a lavoura em breves anos ficará mais protegida na cultura do castanheiro do que está presentemente.

A técnica começa a vencer o principal obstáculo e se os êxitos continuarem, como esperamos, o problema da «doença da tinta» deixará de nos preocupar nos próximos anos.

Desde há vários anos que dois caminhos se têm seguido na pesquisa de castanheiros resistentes à «doença da tinta», num dos quais temos empregado dois sistemas diferentes. O primeiro pela inoculação experimental de castanheiros nacionais provenientes de sementeira de castanha de variedades diferentes, enxertadas ou não, vegetando em regiões as mais diversas do País sobretudo naquelas mais infectadas pelos parasitas que provocam o mal da «tinta». O segundo procedendo a cruzamentos sucessivos entre castanheiros japoneses e chineses e o castanheiro nacional e inoculando as plantas provenientes da sementeira de castanha dos castanheiros híbridos resultantes com raças dos fungos *Phytophthora cambivora* Buis. e *Phy. cinnamomi* Rands.

Neste último sistema aproveitamos as castanhas de castanheiros híbridos naturais resultantes da fecundação livre e híbridos artificiais provenientes de fecundação controlada ambos por cruzamentos inter-específicos. (Fig. 1)

Na pesquisa de castanheiros resistentes de entre as formas culturais de *C. sativa* Mill. existentes no nosso País aproveitamos de uma maneira geral a castanha de árvores que vegetam em zonas de focos extensos da doença (Fig. 2) ou naquelas onde desapareceram pelo mesmo

mal a maioria dos castanheiros. Aproveitam-se portanto os frutos de indivíduos enxertados ou bravos que apresentam bom desenvolvimento vegetativo apesar dos terrenos estarem fortemente infectados.

Esta selecção embora incida em castanheiros cujas características de resistência são diminutas tem a sua razão de



Fig. 2 — A existência de castanheiros vegetando nas melhores condições em terrenos muito infectados pode ser garantia de alguma resistência que deve ser aproveitada.

ser porquanto o facto de se manterem durante vários anos em plena produção e com bom desenvolvimento vegetativo apesar de como dissemos vegetarem em regiões onde a doença dizimou a maioria das árvores, é quase garantia de uma menor susceptibilidade e quem sabe se não serão mesmo resistentes. Além disso tal como sucede em relação a outras plantas podem surgir mutações aproveitáveis sob o ponto de vista de resistência aos micetas já mencionados.

Como indicaremos no próximo artigo existem já vários castanheiros nacionais que resistiram à inoculação artificial alguns dos quais se mantêm com bom desenvolvimento vegetativo há mais de 8 anos. Se os caracteres de resistência se mantiverem em ensaios ulteriores teremos alcançado um grande êxito como demonstraremos. Os estudos prosseguem assim como os relativos aos híbridos e seus descendentes e sobre os resultados obtidos ocupar-nos-emos brevemente.

(Continua)

Trabalhos

em

Janeiro

NOS CAMPOS

Se o tempo o permitir, aqueiva-se o mais fundo possível, recorrendo-se a sub-soladoras, se for necessário.

Semeia-se ainda azevém verdeal e erva molar sós ou misturados, sobretudo no Centro e Sul; cereais de pragana, como aveia, trigo, especialmente das variedades precoces e os tremeses nos barros de Beja e ainda centeio. Deixam-se as terras assucadas ou atrolhadas, desde que não se encontrem suficientemente enxutas.

Semeiam-se também, ainda, favas e ervilhas, mas de variedades de rápido desenvolvimento, para consumo em época mais tardia.

Planta-se batata temporã no Algarve, Alentejo, Douro, Trás-os-Montes, etc.. Usam-se as variedades de mais rápido desenvolvimento. Desnecessário é lembrar que se deve prestar particular atenção à fertilização do terreno, utilizando criteriosamente os adubos.

Vigiam-se as sementeiras de cereais de pragana de modo a evitar a tempo, cuidadosamente, o estagnamento das

águas, o encharcamento, que atrasa o crescimento, prejudica as plantas e faz perder nitratos.

Mondam-se os trigos mais adiantados, que já estejam ameaçados de invasão das ervas daninhas, à mão ou recorrendo à monda química e rastilham-se ou gradam-se com grades apropriadas.

Pela primeira vez, cobrem-se com nitrato ou outros adubos azotados de rápida assimilação, os cereais praganos para estimular o afilhamento, escolhendo de preferência o tempo enevoadado ou de chvisco e não o geadeiro.

Rolam-se ou calcam-se nas terras lisas ou à rasa os cereais ainda não encanados, no começo do afilhamento ou engarfamento, para que as raízes fiquem mais bem protegidas contra os frios, as geadas, e especialmente o codo ou códão, que as pode descalçar e matar. Deste calcamento pode resultar o êxito da seara. Em terrenos regulares ou bons pode valer tanto como a cobertura.

Continua-se a lima dos prados temporários de azevém ou os lameiros permanentes, sobretudo nos periodos de geadas.

Onde seja possível recorre-se à água-choca, chorume ou cevadoiro, que tem elevado poder fertilizante. Incorpora-se na água de lima, mas também se pode

distribuir, vantajosamente, com máquinas ou aparelhos destinados a tal fim.

Sacham-se favas e ervilhas por tempo enxuto, aproveitando a ocasião para aplicar-lhes gesso ou cal em pó, cinzas ou borralho, e ainda superfosfatos se os não tiverem recebido à sementeira.

Mantêm-se enxutas, onde seja possível, as terras do arroz, a não ser que seja conveniente colmatá-las; alqueivam-se as que estejam em condições e havendo tracção disponível; e procede-se às correcções apropriadas ou com gesso ou com cal ou outro produto apropriado a tal fim, conforme os casos.

A cal, nos terrenos fortes, barrentos, pode empregar-se em dose elevada, tanto mais que as terras de arroz tendem para a acidificação: nuns casos não se irá além de 300 gr por metro quadrado, mas noutros convém ir até aos 500 gr.

NAS HORTAS

Procede-se à preparação de terriços aproveitando as varreduras e detritos vegetais.

Estrumar, e cavar, os talhões ou leiras para futuras plantações ou sementeiras; fazer calagens nos terrenos pobres de cal, nas doses que a reacção do solo indicar.

NAS VINHAS

Escava-se ou descava-se onde ainda não foi possível proceder a este amanho, excepto as baceladas e as enxertias nas zonas frias, porque a baixa temperatura, a geada, poderia comprometê-las.

Poda-se, excepto nos dias de frio intenso, nas zonas do Norte do País; e limpam-se as cepas, descascando-as à mão ou com raspadores apropriados.

Desinfectam-se com produtos apropriados as videiras que tenham sido atacadas pela fumagina ou pelo algodão.

Aguçam-se e preparam-se novos tutores onde são de uso, mergulhando-lhes, a

seguir, a ponta aguçada numa calda forte de sulfato de cobre, para aumentar-lhes a resistência, ou tratando-os com produtos especiais de conservação das madeiras.

Começa-se a empa ou erguida, se o terreno estiver em boas condições e o tempo correr macio.

Aduba-se com os adubos menos solúveis (fosfatados e potássicos), com os orgânicos e químico-orgânicos; e corrige-se o terreno se necessário for, com o correctivo apropriado.

Retancha-se, empregando de preferência barbados enxertados e adubando as covas ou valas; e, nalguns sítios, especialmente nas vinhas alinhadas e velhas, procede-se à mergulhia quando haja varas próximas suficientemente compridas.

Planta-se vinha não deixando de beneficiar o terreno com fortes adubações orgânicas, constituídas por matos, e completadas pelos correctivos apropriados.

Nas retanchas e nas plantações novas deve haver o maior cuidado na escolha apropriada dos « cavalos » a empregar.

NOS POMARES

É durante o período de repouso vegetativo, isto é, em pleno Inverno, que se procede à importantíssima operação da poda. Não esquecer que podar não é cortar indiscriminadamente. Cada espécie e até cada variedade de fruteira tem exigências especiais de poda que se têm que respeitar.

Proceder aos tratamentos de Inverno, base duma conveniente sanidade do pomar. As árvores de caroço (pessegueiros, ameixeiras, etc.) serão pulverizadas com caldas cúpricas (calda bordalesa) adicionadas dum produto favorecendo a aderência, ou com caldas dos novos fungicidas orgânicos adequados.

Nos pomares de pevide deve igualmente recorrer-se à calda bordalesa, a não ser que doenças ou parasitas especiais aconselhem outras caldas.

Proceder igualmente às convenientes adubações e correcções do solo. Assegurar a drenagem, pois a estagnação da

água é muito prejudicial à vida das fruteiras.

Nas novas plantas deve haver cuidados meticolosos, desde a preparação dos solos — surribas, incorporação de estrumes, correctivos e adubos — até a escolha das espécies, variedades, porta-enxertos, etc.. Não esquecer que a fruticultura é das mais delicadas das artes agrícolas.

NOS OLIVAIS

Continua-se ainda em algumas regiões a apanha ou colheita da azeitona com o cuidado indispensável para não prejudicar as oliveiras.

Nas zonas menos frias, plantam-se mudas, estacas ou barbados, estrumando as covas sendo possível, ou aplicando-lhes mato polvilhado de cal, se se trata de terrenos áridos. Além da estrumação, deve se adubar convenientemente.

Lavra-se, terminada a colheita, bastante fundo, para que as águas penetrem mais facilmente e as pastadeiras desapareçam; mas suspende-se por tempo geoso, que danificaria as raízes.

Incorpora-se ao mesmo tempo os fertilizantes orgânicos, incluindo o mato miúdo, fetos, etc.; e encaldeira-se ou escaldeira-se cada pé para a recolha das águas das chuvas.

Nos terrenos em declive fazem-se os trabalhos necessários para reduzir o efeito da erosão ou o arrastamento pelas águas da parte mais fina das terras.

Aduba-se com adubos químicos nas zonas quentes, se não houver fertilizantes orgânicos ou químico-orgânicos; ou aplica-se cal ou gesso, cinzas ou borralha, conforme os casos e as possibilidades, tendo em conta que estes materiais podem beneficiar muito as oliveiras, não somente na sanidade mas também na produção e na funda do azeite.

Podam-se, ou limpa-se já, nos sítios mais quentes estando o tempo macio, aproveitando para estacas os ramos sãos com a grossura necessária. Haverá o cuidado de manter, tanto quanto possível a forma natural, corrigindo apenas os excessos de vegetação. Nas zonas quen-

tes e iluminadas é grave erro a abertura da copa em vaso, a qual se traduz em produção mais irregular e mais baixa. Erro é também, a bem dizer generalizado, o deixar grande quantidade de ramos secundários, porque impedem a formação dos ramos de fruto.

Preparam-se as estacas destinadas a ser metidas em viveiro posteriormente, escolhendo-as das melhores variedades, de árvores sãs e que frutifiquem com a melhor regularidade.

Marcam-se as oliveiras que precisam de tratamento para lhes ser aplicado oportunamente.

NO AVIÁRIO

A postura começa ou aumenta, tanto das galinhas como das peruas e patas.

A alimentação, a higiene e o resguardo, merecem cuidados especiais: umas e outro tanto contribuem para atrasar como para apressar a postura.

A alimentação tem de ser abundante, equilibrada e com as necessárias vitaminas; os cuidados higiênicos visarão especialmente evitar a humidade e conservar o alojamento, durante a noite, confortável e quente.

Gal'nhas

Na alimentação participarão a aveia germinada, onde exista, os farelos ou sêneas, alguma farinha de peixe e couves migadas. Duas ou três vezes por semana, como preventivo, pode usar-se, na bebida, 8 gramas de sulfato de ferro por litro.

Inicia-se a incubação, quer com as aves chocas que aparecerem, quer com as chocadeiras, de uso simples e muito práticas desde que sejam bem construídas.

Perús

Com o Natal e o Ano-Novo, reduz-se ao essencial o número de reprodutores, com a reserva dos melhores. Os machos reformam-se depois de atingirem 3 anos de idade.

As papas usam-se muito, preparadas

com os materiais disponíveis — farelos (500 gr) e couves migadas ou urtigas onde aparecerem (500 gr); — farelos (400 gr), couves (300 gr) e batatas miúdas cozidas (300 gr); — farelos (600 gr), farinha de milho (200 gr), beterrabas cozidas (200 gr); — farelos (500 gr), farinha de cevada (300 gr) e verduras picadas (200 gr).

A liberdade é proveitosa para complemento da alimentação e necessário movimento.

Gansos

Completa-se a alimentação natural com grãos de aveia e com papas de farelo, batatas de preferência desfeitas na água das lavaduras.

Os machos reprodutores são reformados todos os 3 anos, de preferência provenientes doutros bandos. As fêmeas são escolhidas de entre as mais perfeitas nos bandos próprios.

Patos

Abragam-se bem para os preservar do frio durante a noite.

A alimentação de papas está aconselhada.

Pombos

A muda, por vezes, termina em Janeiro. Reduz-se então, nas rações, os grãos, como o milho, que fazem engordar.

Enquanto não terminar a muda, mantém-se uma alimentação consistente e rica, em que pode participar o milho e a soja.

À aproximação da postura, limpam-se cuidadosamente os pombais e as casotas de cada par e refazem-se os ninhos, onde seja necessário.

NA COELHEIRA

Higiene

Se o tempo arrefecer muito, protegem-se as casotas com palhas, matos, esteiras, etc., e os ninhos guarnecem-se de cama espessa. Evitam-se por todas as formas as humidades, que são muito prejudiciais.

Acasalamento

Estando o tempo macio, podem iniciar-se os primeiros acasalamentos.

Alimentação

A alimentação seca, de palhas, ou fenos, matos, farelo, aveia, etc., é dominante. Duas vezes por semana fornece-se uma papa, que pode ser formada por farinhas de alimpas, (35 o/o), centeio, (35 o/o), amendoim, (3 o/o) e bagaço de copra, (27 o/o). O bagaço de copra ou coconote mistura-se com água a ferver e juntam-se-lhe depois as outras farinhas, de modo a que a papa fique solta, não ligada.

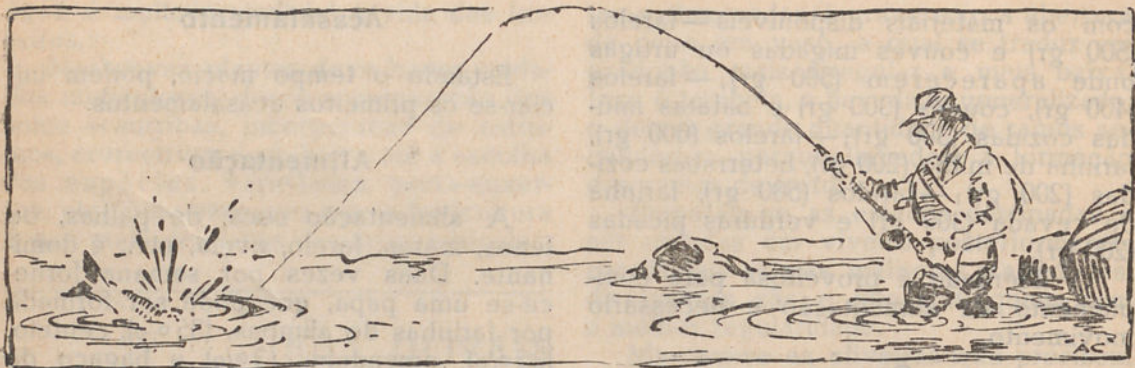
NO APIÁRIO

Continua o regime de repouso nos apiários, que devem ser, no entanto, discretamente visitados para se alimentarem artificialmente as colónias fracas e se impedirem as infiltrações de água nas caixas.

Aproveita-se esta época de maior tranquilidade das abelhas para se prepararem os assentos de novos apiários e para se transportarem as colmeias de lugares pouco favoráveis para outros que se apresentem com melhores condições.

Activa-se a preparação dos quadros dos ninhos e das alças, que hão-de servir na próxima época apícola, colocando-se-lhes o arame e as lâminas de cera moldada indispensáveis, para que, ao chegar o momento oportuno da sua aplicação e quando há sempre outros afazeres, não seja necessário perder-se tempo com este serviço.

Procede-se à plantação das árvores e arbustos de interesse apícola, que tenham sido escolhidos de acordo com as maiores necessidades da região, nas covas que foram abertas nos meses anteriores, efectuando-se igualmente a sementeira das plantas melíferas anuais ou bi-anuais, escolhidas com igual critério, nos talhões que lhe estejam reservados.



CAÇA E PESCA

PARA QUANDO O RIO MINHO?

por ALMEIDA COQUET

NESTE começar de novo ano e com a publicação do regulamento à lei n.º 2097 em Outubro passado, julgo que é oportuno lembrar o caso do Rio Minho, que a recente legislação não abrange e que não pode continuar na situação de abandono a que há tanto está votado.

E digo, conscientemente, abandono, pois não basta que a autoridade a que aquele rio está submetido tenha os seus regulamentos e a sua fiscalização; não basta que essa autoridade julgue que isso é suficiente para resolver o problema; não basta que pensando assim, se continui vida lora sem um entendimento sério com a Espanha.

Podem-me dizer que se tem procurado esse entendimento por mais de uma vez. Eu sei que é verdade. Mas se não se chegou ainda a um resultado concreto, teremos de admitir que nalgum ponto está o mal; e teremos que ver que mal é esse e remediá-lo. Será assim tão difícil? Não me parece.

É provável que o leitor não saiba porque razão o Rio Minho em nada beneficiou da recente legislação sobre as águas interiores do país, embora ele seja

também «água interior», tão interior como o Lima, ou o Cávado, ou outro dos nossos rios.

Não foi abrangido pela lei n.º 2097 e pelo decreto n.º 44623, por se tratar de um rio limítrofe, justamente como o Guadiana. Já em anterior legislação assim era e agora assim continua a ser, competindo ao Ministério da Marinha tudo quanto diz respeito às suas águas.

Nisso não vejo, no entanto, razão para que se deixem correr as coisas e se vá de mal em pior.

Temos, evidentemente, que entrar num acordo com a Espanha, visto que não consta que o haja, desde que a Espanha denunciou o que existia, nos princípios do regime republicano em Portugal.

Esse é o ponto capital, é o ponto de partida para um trabalho útil.

Há outro ponto a considerar e que diz respeito propriamente a nós: a regulamentação da pesca em moldes e condições idênticas às mencionadas na legislação para as restantes águas interiores.

Não faz sentido que um pescador tenha que obedecer a um regulamento, se pesca trutas no rio Minho, e a outro

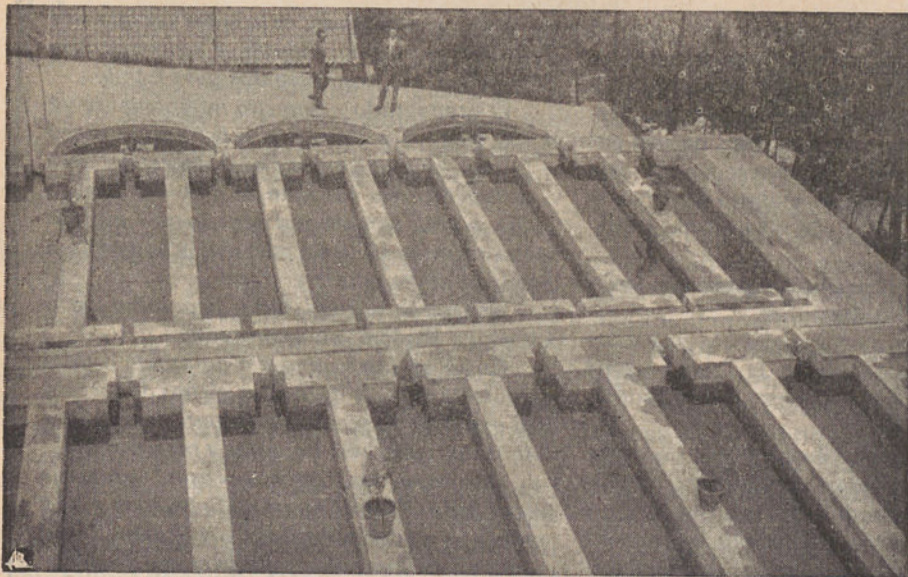
muito diferente se as pesca num afluente apenas a alguns metros de distância! Pode tratar-se mesmo de trutas que do Minho *entraram* no alluente; não importa. No Minho, pode o pescador, por exemplo, pescar trutas em certa época; e voltando-se uns metros adiante pelo ribeiro alluente, já não pode, por ser «defeso».

Foi justamente esta desigualdade que motivou a precaução mencionada na Base XXIII da Lei n.º 2097 e no § 1.º do art. 32.º do decreto n.º 44623, não se permitindo que durante o defeso estabe-

rio Minho. Também os espanhóis a defendem, o que sem dúvida facilitará muito um entendimento útil.

Tendo nós, portanto, obtido já a necessária legislação para se proceder à recuperação das nossas águas interiores, está naturalmente indicado que voltemos o olhar para os rios limitrofes, em especial o Minho, pela riqueza salmoneira que nos pode dar.

E com a protecção às águas do Minho e boa regulamentação da sua pesca, obter-se-á igualmente protecção para as já célebres trutas mariscas que a ele



Tanques do Posto Hidrobiológico de Monção, construído propositadamente para criação de salmões destinados ao rio Minho. Quando poderá ele desempenhar a missão para que foi construído?

lecido em todo o País para determinada espécie piscícola, fosse permitida a concorrência de peixes da mesma espécie provenientes de rios limitrofes.

Mas há mais pontos de discordância entre as duas regulamentações, que igualmente têm de ser resolvidos dentro da boa lógica e da razão.

Falando propriamente do rio Minho, não se deve esquecer o que ele foi e o que é, quanto ao salmão. Praticamente, aquele rio, era o único que nos dava salmões de bom tamanho e em quantidade generosa. Que dá hoje em dia? Quase nada.

É curioso que não somos só nós, os portugueses, que defendemos esta necessidade urgente de resolver o caso do

acorrem, e que actualmente tão dizimadas são, dentro da actual regulamentação de pesca naquele rio.

Partindo do célebre aviso prévio do então deputado à Assembleia Nacional, dr. Cerveira Pinto, chegamos à legislação para as águas interiores do País; é preciso que se atinja agora, de igual modo, a recuperação do Rio Minho. É preciso que não tarde. Podemos, mais uma vez, citar a célebre afirmação do grande pescador e ictiólogo espanhol, o Marquês de Marzales, a quem a Espanha tanto deve pela recuperação das suas águas interiores:

«Hoy se está aún a tiempo, mañana puede ser tarde».

FISCO

Pelo CONDE D'AUROA

DISCUTE a grande imprensa britânica, se lordes Astor, o actual proprietário do castelo onde Henrique IV namorou Ana Baleyne e dos cem milhões de dólares que herdou do seu falecido pai—fez bem ou mal em se expatriar, domiciliando-se em França, aos 77 anos, de modo a poder evitar a seus Filhos o pagamento de 80% de direitos de transmissão.

"Optei pela dinastia"—observou lordes Astor ao sair da Grã-Bretanha.

Estamos longe de tal catástrofe, entre nós—verdade seja que só meia dúzia de pessoas possuem mais dos 20% sobranças da fortuna de lordes Astor...

Pareceram-nos muito optimistas ao aprovar a nova lei de meios, sem quaisquer reservas, os nossos deputados eleitos.

Mas a nós, no cantinho afastado da nossa livraria, apavorou-nos a ideia dos novos impostos sobre a Terra.

O imposto especial sobre a empresa agrícola a render mais de 30 contos, afigura-se-nos em grande desnível com os restantes.

Porque o próprio imposto complementar geral—chamemos-lhe assim—tem um início em escalão maior—porque baixar o da Terra?

E é o quarto (ó velho non bis in idem dos juristas clássicos...) imposto a ser pago pela mesma propriedade, pelo mesmo contribuinte: a) o imposto normal de contribuição, predial rústica e urbana; b) o imposto sobre a respectiva sociedade agrícola, se for caso disso; c) o imposto complementar pago pessoalmente pelo respectivo contribuinte; d) e quarto, este sobre rendimento além de 30 contos.

O lavrador vê-se nas maiores dificuldades para empobrecer alegremente; os produtos da

terra não acompanham as subidas vertiginosas de todos os outros produtos, e pelo contrário de aqueles, são desprotegidos pelo Estado.

O proprietário—parceiro interamense vê o seu milho e o seu gado a mingar no preço—os adubos e os jornais a aumentarem (e estes a desaparecerem por falta de mão-de-obra); o vinho, o mais caro de grangear do país, outrora vinho considerado de qualidade, acompanha o preço do vinho corrente:

Emparcele e colha fruta, aconselha-lhe o técnico, o burocrata e o corporativo.

Como se fosse panaceia garantida o total emparcelamento e de muitas glebas de socalco mal expostas se pudessem emparcelar grandes folhas de terras bem expostas e planificadas...

Que será das "grandes casas" minhotas (refiro-me ao Entre-Douro-e-Minho todo e não apenas ao moderno restrictivo de Viana e Braga—claro!) velhos solares de hectares de telhados e de sobrados a pedir conserto, quando os grémios de lavoura, essas estáticas casas de comércio subsidiadas pela terra, deixam fugir das vilas (que das aldeias já emigraram todos) os artistas das 4 artes?

Sim, porque era fácil e acertado, os grémios contrataram os derradeiros artistas—caiadores, carpinteiros, pedreiros,—garantindo-lhes uns 180 dias de trabalho no ano, e acordando com os seus agremiados tal garantia de trabalho.

Iremos para o gigantismo, a colectivização, a socialização?!
Fisco... E isenção para o pequenino, o pequenissimo proprietário?

Que ele, se se considerar excessivo o rendimento de propriedade agrícola ultrapassante trinta mil escudos...

OS VINHOS TURVOS

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Eng. Agrônomo

O vinho, líquido alcoólico resultante da fermentação do sumo de uva fresco, mercê de um processo biológico complexo, é evidentemente motivo, de instabilidade, e por isso, se torna indispensável a vigilância temporária da parte do técnico.

Realizam-se as trasfegas. As temperaturas baixas de Inverno auxiliam a precipitação de certos elementos em suspensão, como as leveduras, bactérias, matéria corante, matérias albuminóides, bitartarato de potássio, tartarato de cálcio, pectinas e outros elementos mais ou menos volumosos, contribuindo portanto para a clarificação do vinho.

Contudo, pode suceder, que passado o tempo necessário para se dar a clarificação natural, o vinho não se clarifica, ou mal, causando evidentemente, sérias apreensões, principalmente, quando se pensa lançar os vinhos nos mercados, com uma certa brevidade.

A turvação de um vinho pode ter várias causas: intrínsecas e extrínsecas. Por vezes, encontram-se as duas intimamente associadas.

No primeiro grupo, situam-se as turvações de origem biológica. Normalmente, as bactérias podem atacar os restos de açúcar, ainda existente no meio em quantidades, que despertem a sua actividade; como consequência, produz-se ácido acético, ácido láctico, manite — doença vulgarmente conhecida, por manite ou agridoce. Há bactérias, susceptíveis de atacar a glicerina, originando ácido fórmico, acético, láctico e succínico — doença geralmente denominada, por amargo.

Outras bactérias existem, que decompõem o ácido tartárico, formando ácido acético, propiónico, butírico e gás carbónico — doença, normalmente designada por volta.

Estas alterações químicas e biológicas são acompanhadas de turvações.

Como causas externas, indicam-se, as oscilações de temperatura; exercem uma certa influência sobre determinados elementos, que entram na composição do vinho, em quantidade excessiva, por exemplo, proteínas, matéria corante, precipitações de ácido tartárico e seus sais.

Embora menos vulgar, as variações de pressão atmosférica e as vibrações do terreno, também podem exercer uma influência desfavorável sobre a limpidez dos vinhos.

O arejamento tem influência nas precipitações de origem diastásica e de origem metálica — casses, quando na sua composição se encontra ferro ou cobre ultrapassando certos limites. As turvações produzidas pelas oxidases, resultam normalmente de uvas excessivamente maduras, às quais não se lhes dispensou o devido cuidado, no que diz respeito à desinfectação e correcção.

Para se fazer uma ideia de quanto pode ganhar o vinho em ferro, durante o fabrico, citamos alguns números de experiências realizadas por P. Dupuy, M. Nortz e J. Puisais:

Mosto inicial	1 mg/l, em ferro (Fe)
» à saída do esmagador	8 mg/l (Fe)
Mosto à saída do esgotador	9 mg/l (Fe)

Mosto à saída da prensa vertical	12 mg/l	(Fe)
Mosto à saída da prensa continua	10 mg/l	(Fe)
O vinho alcança em média 7 mg/l de ferro		

Entretanto, podemos afirmar sem receio, que a maior parte das turvações se devem atribuir quase totalmente, a negligências do homem e não à matéria prima.

Todavia, mesmo quando há uma intervenção racional, por vezes, existem vinhos, que necessitam de longo tempo para se clarificarem satisfatoriamente. Ora, em certos casos, há urgência em lançar no mercado vinhos, pouco tempo depois da fermentação.

Estes problemas enológicos tornam-se complexos, principalmente, quando os vinhos se encontram carregados de mucilagens e de matérias pécicas, que dificilmente precipitam.

Quando assim acontece, temos de recorrer às colagens, mas nem todos os clarificantes que existem são adequados ao mesmo vinho. Há uma determinada especificidade, e além disso, as quantidades de cola a empregar variam, conforme os casos. Na escolha de uma cola, tem de se atender à sua composição e qualidades. Nunca se deve empregar uma substância que altere as qualidades do vinho e não tenha qualquer interferência no aroma, em suma, que não «fatigue» o vinho.

Portanto, não se deve indicar um clarificante, sem realizar previamente, ensaios em pequenas quantidades, para se concluir, qual o produto que melhor satisfaz, e qual a dose mais eficiente.

No entanto, as colagens realizadas após a fermentação podem não dar os resultados ambicionados, pois o vinho, mercê de várias circunstâncias, é susceptível de adquirir turvação ou opalescência, apesar de se ter efectuado uma colagem racional.

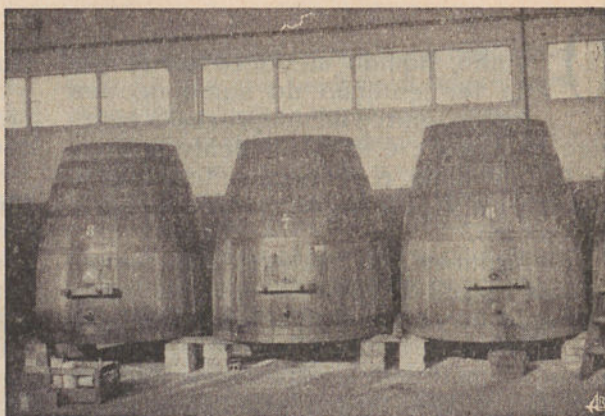
Surgem dificuldades enormes, quando assim sucede, complicam-se as operações,

tornam-se mais onerosas, e não conseguimos muitas vezes, apresentar o vinho em condições de ser consumido, com aquela brevidade que se impunha.

O emprego do frio, do calor, das colagens e filtrações, são práticas, que exigem dispêndio de proventos avultados, só suportáveis pelas grandes adegas.

Ha de facto grande interesse em se encontrar u na prática enológica, que nos permita obter um vinho estabilizado, limpo e brilhante, com reduzido custo.

Para abreviar estas operações e as



Os balseiros de madeira são óptimas vasilhas de conservação, mas obrigam a atestos muito frequentes

tornar menos onerosas, fizeram-se já varios ensaios, adicionando uma cola, antes da fermentação dos mostos. Conforme lemos num artigo, publicado numa revista estrangeira, os resultados parecem ser deveras auspiciosos. Os vinhos foram tratados com bentonite e apresentaram melhores características organolépticas do que os vinhos testemunhas. «O seu grande poder de absorpção elimina as proteínas do vinho e diminui a matéria corante e o tanino, provocando a rápida estabilização sobretudo nos vinhos tintos comuns.

Nós estamos realizando também alguns ensaios com idêntico objectivo, utilizando vários clarificantes, mas temos de aguardar algum tempo para nos podermos pronunciar com firmeza.

Serviço de CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

II — FRUTICULTURA

N.º 1 — Assinante n.º 7932-M — Lisboa.

MACIEIRA ATACADA DE MONÍLIA

PERGUNTA — Uma parte das minhas macieiras, especialmente reinetas, têm relativamente pouca folhagem quando na criação dos frutos, sucedendo que estes são atingidos fortemente, na parte superior, pelos raios solares, forçando a um amadurecimento rápido apenas na zona atingida.

Quando os frutos estão prontos a colher (quase maduros), a parte do fruto em questão está madura de mais e em alguns casos com sintomas de apodrecimento. Dias depois de colhidos, dificilmente se encontram frutos em boas condições de armazenar.

Como poderei resolver este problema?

RESPOSTA — As reinetas são macieiras das zonas altas, portanto frias. Se estas são cultivadas fora desses climas próprios produzem mal e são mais atrei-

tas às monilias, doença a que são particularmente susceptíveis.

Os estragos a que o senhor consulente se refere são provocados pelas monilias.

Deverá destruir não só os frutos atacados como também os ramos, como primeira medida profiláctica.

Para o combate a esta doença deverá ainda fazer os indispensáveis tratamentos anti-criptogâmicos.

Quando os gomos começam a inchar deverá fazer uma pulverização com calda bordalesa a 1% e antes de rebentarem repetir o tratamento.

Durante a Primavera e Verão deverá seguir os esquemas de tratamento indicados para o pedrado, pois com estes defenderá as suas macieiras das duas doenças.

Deverá empregar fungicidas orgânicos, dado que as reinetas são sensíveis ao cobre. Está, durante a vegetação, contraindicada a calda bordalesa. — *Madeira Lobo*.

XVII — TECNOLOGIA

N.º 2 — Assinante n.º 45 019 — Tavira.

CONSERVAÇÃO DE TUTORES

PERGUNTA — Tendo adquirido varas de acácia que pretendo destinar a tutores de árvores novas e esteios para vinha, agradeço se digne informar-me qual o tratamento a fazer às referidas varas para evitar o rápido apodrecimento.

RESPOSTA — Tem toda a vantagem em tratar os tutores para a vinha e, para isso, deve descascar as varas, mergulhando-as depois numa solução de sulfato de cobre a 4‰ (4 quilos de sulfato em 100 litros de água) onde as deixará permanecer durante algumas horas.

Há, hoje, casas que se encarregam da impregnação das madeiras com produtos de alta eficácia, fazendo o tratamento pelo vácuo seguido de pressão. As instalações que conhecemos são longe de Tavira pelo que lhe é impossível a elas recorrer (Marinha Grande e Vila Nova de Famalicão).

Poderá, ainda, recorrer a produtos de conservação de madeiras, do tipo «Carbolineum» ou ainda «Cuprinol» da casa Robialac. Contudo, o processo mais económico é o do sulfato de cobre. — R.

XIX — MEDICINA VETERINÁRIA

N.º 3 — Assinante n.º 44 521 — Bragança.

VACA DE TRABALHO ATACADA DE REUMATISMO ARTICULAR

PERGUNTA — Tenho uma vaca de trabalho que há cerca de um mês adoeceu; apareceu a mancar das 4 mãos, depois incharam as pernas, mas mais as articulações. Foi feito o seguinte tratamento:

Sulfato de sódio
Sulfato de magnésia
(Num papel n.º 6)

Tomava 1 por dia, em água. Não deu resultado. Segundo tratamento: fricções de tintura de mostarda; também não deu resultado. A inflamação

VINHOS-AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azeites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

variava: um dia aparecia uma perna inflamada, no dia seguinte voltava a inflamação, mas as articulações mantinham-se sempre inchadas. Também apareceram inchaços na parte interior e exterior e quase ao fundo das coxas. Anda no oitavo mês de prenhez, come bem e o aspecto não é triste.

Há dias e momentos que anda com mais facilidade do que outros.

Terá cura? Que tratamento devo fazer? Agradecia uma resposta urgente.

RESPOSTA — Como o bovino em questão se encontra em estado de prenhez adiantado, vamos actuar simplesmente por via externa com:

Artrosalil (Fidelis). 1 frasco

Aplicar durante dias seguidos, um penso húmido em volta de cada articulação afectada. Espargir o medicamento sobre espesso pano de lã ou pasta de algodão, suficiente para envolver a zona lesada. A ligadura de contenção do penso, não deverá comprimir o membro.

Se o estábulo for húmido e frio, é aconselhável mudar a doente de quadra.

Evitem-se as correntes de ar. O bovino pode estar na quadra, abrigado com uma manta. A cama deverá ser fofa, de palha seca. A alimentação deverá ser cuidada. Nada de concentrados. Água morna com farinha, verduras, palhadas, etc.. — *Carri-lho Chaves.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 4 — Assinante n.º 43 115 — Caminha.

APROVEITAMENTO DE ÁGUA DE CORRENTE NÃO NAVEGÁVEL NEM FLUTUÁVEL

PERGUNTA — Possuo uma propriedade marginal a um ribeiro de águas não navegáveis nem fluviáveis, que se compõe de um moinho de moer cereais, 50 metros a jusante, um engenho de serração em ruínas que já não labora há mais de 10 anos,

seguinte-se a este, hoje, um paúl que até há cerca de 8 anos foi leira de lavradão.

A água para mover estes dois engenhos (hoje só o moinho) é desviada do referido ribeiro por meio de um açude e conduzida para o prédio por uma levada cuja existência se deve contar desde quando as águas públicas eram reguladas pelo alvará de 1804, embora em 1900, data em que foi construído o engenho de serração, sofressem, levada e açude, uma reparação, da qual, entre outros melhoramentos, constou a elevação de nível.

O antigo dono deste prédio, até à construção do engenho, usava da água no moinho e na lima da leira (esta só nos meses de Inverno porque no Verão a leira era ocupada com a cultura de milho) desde então passou a usar a água, simultaneamente, no engenho, moinho e leira, conforme as necessidades de cada prédio.

Desde que adquiri o prédio, em 1933, continuei a usá-la da mesma forma até à data em que o engenho deixou de laborar, ou fosse, como já disse, até há cerca de 10 anos. Desde então alterei um pouco o giro da água, passando a usá-la além do moinho, na lima da leira que adaptei a paúl, tanto no Inverno como no Verão.

A jusante deste meu prédio, cerca de 800 metros, existem um engenho de serração, uma azeinha de moagem e dois moinhos também de moagem, tudo movido com a água do mesmo ribeiro (presentemente só existe um moinho que labora industrialmente) cuja existência deve também ser anterior à promulgação do Código Civil.

Sucedê que, há cerca de 5 anos, os caseiros da quinta onde se encontra instalado o referido moinho, nos meses de Verão, quando a água é pouca, sobem ao meu prédio, umas vezes de dia outras de noite, mas sempre ocultamente, arrancam a tábua que fecha o boeiro da levada destinado à descarga da água do açude quando se procede à limpeza da levada, inutilizam-na e soltam a água para o ribeiro a fim de fazer aumentar o seu caudal, esvasiando assim o dique do açude que por ser de grande capacidade, depois leva muito tempo a encher, causando-me prejuízo.

Têm esses indivíduos direito a cortar a água da minha levada, para o ribeiro? Se não têm direito, como devo proceder para os impedir de continuar a praticar tais actos?

RESPOSTA — 1. Quanto ao aproveitamento da água de correntes não navegáveis nem flutuáveis foram sempre respeitados os direitos adquiridos durante a vigência de legislação anterior.

2. Assim, no Dec. 5787 iiii, de 10 de Maio de 1919, disposição que fundamentalmente rege hoje o assunto, ressalva, no seu art. 80.º «os direitos adquiridos por justo título nos termos da lei civil, os quais serão respeitados achando-se em efectivo exercício, salvo porém o caso de as águas serem sobejas e poderem ter cómoda divisão sem prejuízo da cultura já feita ou do engenho já construído».

3. Assim, como o aproveitamento do ribeiro referido é anterior a 1919, quanto ao moinho, e tem havido efectivo exercício, necessário é saber quais os direitos de aproveitamento que o Código Civil concedia e, se o aproveitamento ainda era anterior a 1867, se este ressalvava os direitos adquiridos.

4. Ora, pelos dados da consulta, se vê que esse aproveitamento vem, pelo menos, desde 1804 e, por outro lado, o art. 438.º do Cód. Civil ressalva «os direitos adquiridos... sobre certas e determinadas águas por lei, uso e costume, concessão expressa, sentença ou prescrição».

5. Quer isto dizer finalmente, que o aproveitamento da água para mover o moinho (o único para o qual tem havido efectivo exercício) é ressalvado pela legislação ora vigente, partindo-se do principio que o aproveitamento tinha por base lei, uso e costume, concessão expressa, sentença ou prescrição, mesmo que isso venha a ofender direitos ou vantagens conferidos pelo decreto de 1919 a outros proprietários de prédios marginais (cfr. o citado art. 80.º desse decreto).

6. No entanto quanto ao aproveitamento da água para lima do paúl, de Verão, já a solução me parece não ser a mesma, pois ela só data de há cerca de 10 anos.

7. Eis o que me oferece dizer acerca da consulta, devendo no entanto acentuar que nestas questões de águas inúmeros problemas se podem levantar cujo âmbito destas consultas não comporta e bem pode suceder que ao serem estudados a solução apresentada venha a sofrer alteração.

8. No entanto o facto dos vizinhos só arrancarem a tábua que fecha o boeiro da levada às ocultas pode ser sintoma dum reconhecimento da sua falta de direito.

9. Nada impede também o senhor consulente de fazer a queixa respectiva na Guarda Nacional Republicana, que, pelo menos, levará os seus vizinhos a recorrerem aos meios usuais de reconhecimento dum direito que porventura julguem ter e a não seguirem métodos ocultos de violação de propriedade ou semelhante. — A. M. O. *Pinheiro Torres*.



INFORMAÇÕES

Calendário de Janeiro

Durante este mês a duração do dia é de 9 h. e 30 m. em 1, e de 10 h. e 11 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Terça	7.55	17.25	11.50	23.32
2 Quarta	7.55	17.26	12.24	*
3 Quinta	7.55	17.26	12.57	0.40
4 Sexta	7.55	17.27	13.31	1.48
5 Sábado	7.55	17.28	14. 8	2.56
6 Domingo	7.55	17.29	14.47	4. 5
7 Segunda	7.55	17.30	15.32	5.14
8 Terça	7.55	17.31	16.22	6.19
9 Quarta	7.55	17.32	17.18	7.19
10 Quinta	7.55	17.33	18.18	8.13
11 Sexta	7.55	17.34	19.19	9. 1
12 Sábado	7.55	17.35	20.20	9.41
13 Domingo	7.54	17.36	21.19	10.17
14 Segunda	7.54	17.37	22.17	10.48
15 Terça	7.54	17.38	23.14	11.17
16 Quarta	7.54	17.39	*	11.44
17 Quinta	7.54	17.40	0.10	12.11
18 Sexta	7.53	17.42	1. 7	12.39
19 Sábado	7.53	17.43	2. 3	13. 9
20 Domingo	7.52	17.44	3. 1	13.41
21 Segunda	7.52	17.45	4. 0	14.19
22 Terça	7.51	17.46	4.59	15. 2
23 Quarta	7.51	17.47	5.57	15.52
24 Quinta	7.50	17.48	6.52	16.50
25 Sexta	7.49	17.50	7.44	17.54
26 Sábado	7.49	17.51	8.31	19. 1
27 Domingo	7.48	17.52	9.13	20.11
28 Segunda	7.47	17.53	9.51	21.21
29 Terça	7.46	17.54	10.26	22.31
30 Quarta	7.46	17.55	11. 0	23.40
31 Quinta	7.45	17.56	11.34	*

Q. C. em 3 às 1 h. 2 m.; L. C. em 9 às 23 h. e 8 m.; Q. M. em 17 às 20 h. e 34 m.; L. N. em 25 às 13 h. e 42 m.

Junta N. dos Produtos Pecuários

O fabrico de queijo no distrito de Aveiro

No novo colóquio realizado na sede da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, falou o técnico daquele Organismo dr. Francisco José Barbado sobre «Factores que limitam o aumento e a melhoria de qualidade da produção de queijo no distrito de Aveiro».

O orador referiu, em primeiro lugar, a importância que aquele distrito assume no conjunto da indústria nacional de lacticínios, apontando as produções que se têm registado nos últimos anos.

Fez, depois, a resenha da evolução histórica do fabrico de queijo no distrito, passando em revista os tipos de queijo que são ali fabricados e cujo tipo predominante é o holandês.

A popularidade e a qualidade deste queijo justifica que se encarem devidamente os factores limitantes que impedem o aumento da sua produção e melhoria, factores que aquele técnico explanou, apresentando algumas sugestões tendentes à sua atenuação.

A comunicação do sr. dr. Francisco Barbado despertou grande interesse entre os numerosos técnicos presentes a respeito da qual se estabeleceu debate em que usaram da palavra os srs. drs. Décio de Freitas, Ildefonso Barbosa, Marques Esteves, Eduardo Godinho, Castro e Costa, Ferreira Giraldes, Nogueira de Araújo, António Bravo e eng. Pessoa Rolão.

Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas

V Curso Intensivo de Enologia

A Estação Vitivinícola da Beira Litoral — Anadia, vai realizar de 7 a 12 de Janeiro, o «V Curso Intensivo de Enologia», onde serão tratados, com o desenvolvimento possível, todos os problemas relativos à conservação e melhoramento dos vinhos e aproveitamento dos sub-productos.

A primeira aula está marcada para as 10 horas do dia 7. A inscrição é livre e gratuita, bastando que os interessados a peçam por escrito, em simples postal ou carta, indicando o nome, morada, profissão e habilitações literárias.

O alojamento será por conta dos interessados.



A. C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuízos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDADORES DA

Companhia União Fabril

Av.ª do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.ª 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO



Agente Geral para Portugal e Ultramar:
J. L. Duarte de Almeida, Suc. ra
 Rua de S. Miguel, 61 — PORTO
 Telefone, 26515

a bomba que resolve o seu problema caseiro
 para **hortas e jardins,**
pequenas regas, etc.

3877

CONSUMO DE ELECTRICIDADE MÍNIMO

“VIBRO-VERTA”

a bomba portátil que resolve o abastecimento de água
 na *cidade* e no *campo*

DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS

Solugène

3885

Adubo líquido
 DE ORIGEM FRANCESA

O mais completo com
 aspargina para flores

Vigor - Saúde - Beleza

Se as vossas plantas não florescem ...



O adubo SOLUGÈNE faz vir as plantas à flor, ainda as mais rebeldes. Os elementos fosfopotássicos eminentemente ionisáveis facilitam a floração. Com o adubo SOLUGÈNE a floração é certa.

Alimento substancial, SOLUGÈNE contém todos os elementos constitutivos dos seres vivos organizados e contém efectivamente 70% de materiais de origem animal e vegetal, fazendo vencer os organismos.

Citemos por exemplo, os crisântemos em botão, a frutificação do fruto sobre as enxertias fracas, aparição do fruto nos morangueiros, etc.

AZOTO TOTAL: 7% sendo 2,80 orgânica de proveniência vegetal e animal; 2,70 amoniacal; 1,50 nítrico • ÁCIDO FOSFÓRICO: 6% solúvel na água e o citrato de amoníaco alcalino dos fosfatos de amoníaco e de potassa.

Novidade sensacional garantindo às plantas: **Crescimento rápido - Floração - Colheitas record!**

DISTRIBUIDORES E REPRESENTANTES: Representações ANCEB, Lda.
 R. França Júnior, 253 - Telef. 931920 - Matosinhos



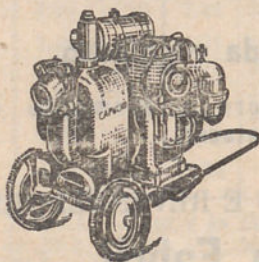
GRUPOS MOTO-BOMBA

“CAPUCHO”

EQUIPADOS COM MOTOR A GAZOLINA.
 PETRÓLEO OU GASOLEO

CASA CAPUCHO

LISBOA - RUA DE S. PAULO, 113-129
 PORTO - RUA MOUS. DA SILVEIRA, 139-143



3896



Tesouras de Poda, das reputadas marcas:
«PAM» — «NOGENT» — «PRADINES» — «GRANATE»
aos melhores preços do mercado.

Aparelhos para Análises de Vinhos, das conhecidas marcas:
«DUJARDIN SALLERON» — «BARUS» — «HEBEL»
a preços de concorrência.

Produtos Enológicos, das melhores qualidades
aos mais baixos preços.

Material de Adega, tais como: *Bombas - Filtros - Máquinas de encher - Máquinas de Gaseificar - Máquinas de Rolhar - Postigos - Válvulas - Tampões - Torneiras, etc., etc.*

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.
PORTO

3876

Telefs. 28093
53173

O Caminho de Ferro
é o transporte ideal, pois
é seguro, rápido, prático e económico.

1593

O MELHOR CAFÉ
É O DA

2854

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91
Telefones, 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

SEMENTES

1862

«A SEMEITEIRA» de ALÍPIO DIAS & IRMÃO, para semear nesta época recomenda:
Alfaces — Azevens — Beterraba para mesa, Beterraba forraginosa — Carrajó — Cebolas — Cenouras — Couves pencas, Couves tronchuda, Couves repolhos — Ervilhas de grão, Ervilhas de quebrar — Espinafres — Erva molar — Favas — Lawn grass — Luzerna de provence, Luzerna flamande — Ray grass — Rabanetes — Trevo bar-sim, Trevo spadony, Trevo branco anão, Trevo branco gigante Ladino, Trevo da Pérsia — Tremoço para adubações, etc., etc. E ainda uma completa coleção de FLORES, próprias desta época.

Se deseja SEMEAR E COLHER dá a preferência às sementes que com o maior escrúpulo lhe fornece a

«A SEMEITEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 178 — Telef.: 27578 e 33715 — PORTO

N. B. — Preços especiais para revenda

CATÁLOGO — Se ainda não o possui, peça-o que lhe será enviado gratuitamente.



CAMIÕES

MERCEDES-BENZ

14



L 322

CABINA SEMI-AVANÇADA

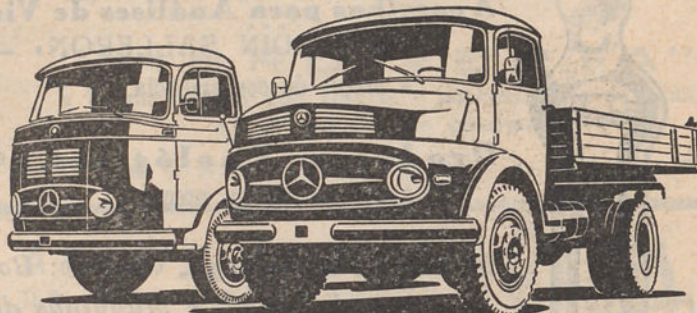
LP 322

CABINA AVANÇADA

PARA CARGA DE 7 TONELADAS

G. SANTOS LDA.

LISBOA - Av. da Liberdade, 29-41
PORTO - R. de Sta. Catarina, 160-168
COIMBRA - Av. Fernão de Magalhães, 70-78
BRAGA - Av. Marechal Gomes da Costa
OLHÃO - Av. da República, 152



3427



Adquira o melhor camião, adquirindo MERCEDES-BENZ

H. KLEIN, L. DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas, produtos especiais para o tratamento, melhoria e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia, Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177 — Vila Nova de Gaia
Telef. 390141 — Telegr. NIELK

1823

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**
ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSO** para os animais domésticos

Com o desinfectante **ZAP** as galinhas não se contaminam

Frasco pequeno . 12\$50 * Frasco grande . 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drograrias, aviários, etc.



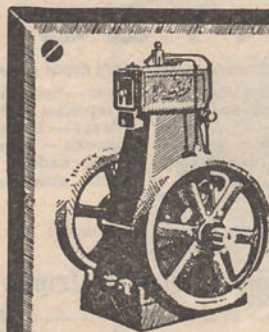
DISTRIBUIDORES
GERAIS:

**Vicente Ribeiro
& C.ª**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA

2692



Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES SIMPLES FÁCEIS DE MANEJAR ECONÓMICOS GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.ª

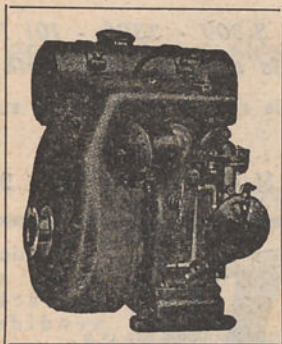
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE EM TODAS AS APLICAÇÕES

1149

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40
1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3532

Cruz, Sousa
& Barbosa,
Limitada

Papéis
e
Máquinas Gráficas

Telefs. 27656 e 27657
R. D. João IV, 567
P O R T O



Que ameaça a vida e a economia dos povos, pelas doenças que propaga e os haveres que destrói. Façamos-lhe guerra por intermédio dos

RATICIDAS **ZAZ**

Destruidores de Ratos, Ratazanas, Toupeiras, etc.

À venda nas Farmácias, Drograrias, Armazéns, etc.

DEPÓSITO GERAL
Fábrica dos Produtos **ZAZ** — Covilhã

Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

Ourivesaria
ALIANÇA

PORTO
191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50



Wino

MASTIQUE
especial para a

VEDAÇÃO PERFEITA DO VASILHAME
Galeria de Paris, 75 PORTO

8689

Senhores VITICULTORES

3872

É da escolha dos bacelos com boa adaptação aos V. terrenos e de boa afinidade às castas que deseja enxertar que depende essencialmente a maior ou menor produção dos V. vinhedos. Nos meus viveiros encontra V. Ex.^a as variedades:

R. 99 - R. 110 - R. 31 - 420/A - 161/49 - 34/EM - 5 BB - 3.309 - 3306 - 101/14
Solonis 1.616 - Ripária Gloire de Montplier e Rupestris du Lot (Monticula),
rigorosamente seleccionadas, e prestam-se todos os esclarecimentos relacionados com a sua adaptação e plantação.

JOSÉ ANTÓNIO MARTINS — Sobral de Monte Agraço — Telef 91

OENOL

Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.

Importadores - Armazenistas

DE

Produtos Enológicos
Material de Adega

E

Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011 - 2.8014



As únicas botas de borracha vendidas com certificado de garantia. Diversos modelos para todos os fins. Em preto e branco para Senhora, Homem, Menina e Rapaz.

Foca há só uma! Como Foca nenhum! Foca é melhor e não

é mais cara do que as botas vulgares. Vendas por junto e a retalho. Preços especiais para revenda. Modelos especiais para agricultores.

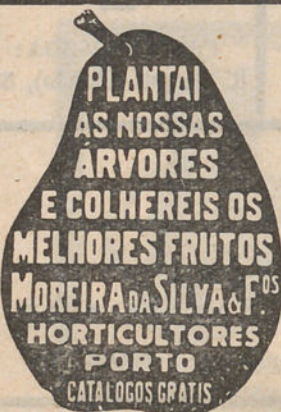
Peçam catálogos aos únicos depositários

CASA FORTE

(única especializada em artigos contra a chuva)

Rua Sá da Bandeira — Porto

Impermeáveis, Gabardines, Guarda-chuvas e Botas de borracha



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.

Rua de D. Manuel II, 55 — PORTO

Telef. 21957

Teleg. «Roselândia-Porto»

CATALOGOS GRÁTIS

3702



E. T. ROBERTO CUDELL, L.^{DA}

R. Faria Guimarães, 883 — PORTO — Telef. 43011/5

R. Tenente Espanca, 43 — LISBOA — Telef. 775182/4

REPARAÇÕES E MONTAGENS DE EQUIPAMENTOS ELÉCTRICOS E DIESEL

PESSOAL TÉCNICO ALTAMENTE ESPECIALIZADO

APARELHAGEM MODERNA ★ MATERIAL DE ORIGEM



2738

Viveiros da Quinta de S. Miguel

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

Sociedade Agrícola «Quinta de S. Miguel», Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE

3084



SOGERE

Sociedade Geral de Representações Lda

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 86-1.º — Tel. 24720
LISBOA — Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º — Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

VINHO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

541

VINHAS NOVAS!

3874

AO PREPARAREM
a vossa
próxima plantação
não esqueçam
os
porta-enxertos
desta marca,
que lhes dá garantias
de uma
futura



RICHTER
(PORTUGAL)
S. A. R. L.

Largo Corpo
Santo, 6-2.º

TELEFONE,
3 2 4 1 1 3
L I S B O A

TEMOS
à disposição
da viticultura nacional,
as variedades
de bacelos
mais adequadas às
diversas zonas do País,
que permitirão
tirar
o maior rendimento
e darão
a mais larga
duração à vossa vinha.

**BOA
PRODUÇÃO.**

SACAVÉM

Se V. Ex.ª

Tem necessidade de adquirir

Serviços de Mesa
Faianças de Fantasia
Loiças para Cozinha
Azulejos ou Mosaicos
Loiça Sanitária

3048

escolha a marca de confiança
Grande resistência e formatos modernos

À VENDA NO PORTO NA
R. DAS CARMELITAS, 40

LISBOA COIMBRA

Av. da Liberdade-49/57 R. Dr. M. Rodrigues-13



3888

O adubo das boas colheitas

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Adubos Orgânicos

(Guanos, Purgueiras e Correctivo)

Para todas as culturas. Particularmente apreciáveis na cultura da vinha e nas de regadio.

Adubos Químico- -Orgânicos

Para Cereais, Batata, Milho, Vinhas e Árvores de Fruto.

Fosfato Thomas

O adubo fosfatado ideal para os terrenos ácidos, que constituem 85% dos terrenos portugueses.

Nitrato da Noruega

Poderoso fertilizante, indispensável em todas as culturas.

Adubos Complexos Edison

(Ternape 12-24-8, Ternape 14-14-14, Binape 16-20 e Binário 25-10).

Adubos químicos granulados de elevadíssimo valor fertilizante.

Cuprifer

Desinfectante de sementes a seco.

Acridion

Desinfectante de celeiros e estábulos.

A-Mur

Raticida bioquímico de óptimos resultados.

Sementes de Forragens e outras

Bersim, tremocilha, luzerna, etc.

.....
IRPAL é marca de qualidade
.....

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

Snr. Lavrador

A matéria orgânica é
Indispensável para se obterem
bons rendimentos.

Transforme as suas palhas
em óptimo estrume utilizando

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

**INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM**



**SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA—TELEFONE 368089**

3165